Casos de Sucesso na Educação Ambiental

¹Daiane Pereira da Silva Souza

O curso Plano de Educação proporciona aprendizagem, na qual compreende-se com facilidade os conteúdos, sendo estes por meio de vídeos ou pelos livros. Destacando a importância de uma educação ambiental eficiente. O curso 10 casos de sucessos em educação ambiental propõe proteger o meio ambiente, educar a atual e as futuras gerações com esforço de cada um de nós aliados a empresas públicas, privadas, ONGs e outras instituições para preservar o planeta em que vivemos.

 **Fundação O Boticário de Proteção à Natureza - caso 1**

Na aula de Educação Ambiental, uma das aulas os Casos de Sucesso na Educação Ambiental; que possibilitou interiorizar um amplo conhecimento. A empresa O boticário foi um dos focos dessa aula que relatava a história, e um pouco da relação com a sustentabilidade. Segundo a professora ...o boticário foi fundado em setembro de 1990, é considerada uma das maiores empresas no ramo de perfumes e de cosméticos no Brasil. Considerada como uma das maiores rede de franquias no mundo em de cosméticos e perfumaria, teve por meio de seu presidente Miguel Gellert Krigsner, e parceiros a ideia de conservar a natureza; sendo assim o projeto foi formulado em três etapas: apóia a proteção da natureza em todo Brasil, promove ações de educação e realiza mobilizações para conservação de todas as Formas de vida, com uso sustentável dos recursos naturais.

O boticário financia muitos projetos de conservação da natureza no Brasil,dede o ano de 2008,o Boticário atingiu a marca dos 1.100 projetos apoiados em todas as regiões e biomas do Brasil. Além do mais em 2009, a Reserva Natural Serra do Tombador, da Fundação sem fins lucrativos do Grupo Boticário, foi reconhecida como RPPN e comemorou 1.218 projetos apoiados em todas as regiões e biomas do Brasil. Surge em 2010 , uma alteração no nome da instituição e passou a ser chamada de “Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza”.

A fundação em 2011, lançou um edital de apoio a projetos, o Bio&Clima – Lagamar. Cujo os financiamentos dos projetos é para vulnerabilidade e adaptação de espécies e ecossistemas às mudanças climáticas, na região do Mosaico de Áreas Protegidas do Lagamar, entre os litorais do Paraná e sul de São Paulo, foi uma grande conquista. No mesmo ano se colocou em ação o Projeto Oásis: como uma nova metodologia que possibilita a expansão nacional de seu programa de pagamento por serviços ambientais.

Muita conquista para a Fundação e, em 2012 não foi diferente a ciência reconheceu duas novas espécies de animais, o anfíbio anuro Brachycephalus tridactylus e o pássaro Cinclo des espinhacensis. A instituição já contabilizou mais de 1.300 iniciativas apoiadas, e deseja realizar muitas outras parcerias e projetos. As diferentes concepções sobre a educação influenciam os educadores para a definição e praticar, e servirá para o processo de esclarecimento aos educadores, auxiliando na elaboração das suas próprias definições sobre a relevante Educação Ambiental.

A Educação Ambiental pode beneficiar a perspectiva incluída na educação para o desenvolvimento sustentável das sociedades responsáveis. Finalizando, as aulas de do Plano de Educação, são ricas e oferecem um rico currículo aos docentes em geral, fazendo com que de maneira crítica discutir a complexa noção sobre responsabilidade, e a necessidade que realizar uma educação continua.

**Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS) - caso 2**

Nessa aula conhecemos o segundo caso de sucesso em questão de sustentabilidade a SPVS uma instituição do Terceiro Setor, que atua no Brasil e que tem como missão “trabalhar pela conservação da natureza, através da proteção de áreas nativas, de ações de educação ambiental e do desenvolvimento de modelos para o uso racional dos recursos naturais”. Foi fundada por um grupo de jovens em 1984, em Curitiba, trabalhando em de busca conservar a biodiversidade e da mitigação das mudanças climáticas, com atuação dirigida para a Mata Atlântica, voltados para evitar o desmatamento de importantes remanescentes naturais, pesquisa, ações de educação ambiental, proteção de espécies ameaçadas.

Os maiores desafios da SPVS são reverter o quadro atual de perda do patrimônio natural e, estimular governos e empresas para incorporar a conservação da biodiversidade e a mitigação das mudanças climáticas em suas agendas; despertar na sociedade o efetivo reconhecimento da necessidade e importância da manutenção do patrimônio natural.

A SPVS atua também na Floresta com Araucária visando proteger os poucos remanescentes que ainda restam dessa formação florestal típica do sul do Brasil. As ações se baseiam na adoção de áreas particulares através do apoio financeiro a famílias interessadas em conservar suas propriedades. A fonte de recursos vem de empresas privadas que tem como uma de suas premissas a responsabilidade sócio ambiental. Foca em produzir, integrar e divulgar o conhecimento científico, visando desenvolver modelos para o manejo racional dos recursos naturais e subsidiar políticas públicas de conservação. Desenvolvendo pesquisas visando à caracterização e valoração dos serviços ecossistêmicos, monitoramento de impactos e adaptação às mudanças climáticas e divulgando o resultado dos projetos através de diferentes ferramentas de comunicação.

# A SPVS atua em áreas em conformidade com a Convenção da Diversidade Biológica - CDB, promove atividades em favor da conservação da Mata Atlântica nas áreas: Geração de conhecimento sobre a biodiversidade da Mata Atlântica (composição, estrutura e processos ecológicos); Resgate de conhecimento histórico, científico, social e ambiental; Elaboração de sistemas de classificação biológica para habitats da Mata Atlântica Desenvolvimento de sistemas de monitoramento da biodiversidade; Pesquisas que subsidiem a implementação de ações de manejo em unidades de conservação e seu entorno; Pesquisa e modelos em restauração ecológica; Valoração dos serviços ecossistêmicos da Mata Atlântica Pesquisas sobre avaliação e adaptação às mudanças climáticas; Gestão e disponibilização da informação sobre aspectos ambientais da Mata Atlântica – bancos de dados e coleções biológicas; Formação de recursos humanos através de cursos de capacitação para estudantes, empresas, ongs e poder público; Participação em fóruns de discussão e redes de instituições contribuindo com a formulação de políticas públicas. As competências das instituições em programas de educação, capacitação e educação ambiental possibilitando o desenvolvimento de ações que levem a formação de recursos humanos.

# Essa aula foi impotante para compreender o funcionamento do SPVS e a forma como ela atua no bioma Mata Atlântica para a conservação da biodiversidade a nível mundial devido a sua altíssima diversidade biológica, e compreender a demanda por conhecimento científico em biodiversidade, reconhecida pelos governos signatários da Convenção sobre Diversidade Biológica , e o desafio enfrentado pelos países megadiversos para obtenção deste conhecimento. Por meio dessa aula observam se necessidade de conciliar ações de conservação da biodiversidade a ações de mitigação e adaptação as mudanças climáticas e de integração de diferentes setores da sociedade, assim obtém o conhecimento, no setor publico, privado, ONGs e outros, no para a conservação da biodiversidade; e a mudança climática, sendo assim, a conservação faz parte do tripé para sustentabilidade.

**Projeto Baleia Franca - caso 3**

É uma pesquisa que busca à conservação das baleias francas, que é a segunda espécie de baleia mais ameaçada de extinção no planeta.

As baleias francas são cetáceos de grande tamanho, podendo atingir, segundo registros históricos, mais de 17 metros de comprimento nas fêmeas e pouco menos nos machos, muito embora participantes da caça à baleia franca no litoral do Estado de Santa Catarina nas décadas de 1950/60 afirmem categoricamente que animais com mais de 18 metros foram capturados nas imediações de Garopaba e Imbituba. O corpo é negro e arredondado, sem aleta dorsal e a cabeça ocupa quase um quarto do comprimento total, nela destacando-se a grande curvatura da boca, que abriga, pendentes, cerca e 250 pares de cerdas da barbatana, que são ásperas e na sua maior extensão negro-oliváceas. O ventre apresenta manchas brancas irregulares. As fêmeas trazem mamilas na região inguinal e glândulas mamárias que podem ser bastante espessas, até cerca de 10cm.

As fêmeas adultas, segundo registros de captura, podem chegar a pesar mais de 60 toneladas, enquanto que para os machos pesos acima de 45 toneladas não são incomuns. A identificação de sexo nas baleias adultas por padrão comportamental é apenas possível no caso de fêmeas adultas acompanhadas de filhotes em suas áreas de reprodução; em outros casos, somente a observação da morfologia da região anogenital é determinante, as fêmeas possuindo fendas mamárias em ambos os lados da fenda genital e os machos apresentando ausência destas fendas e ânus bastante afastado, distinguível, da fenda genital. A camada de gordura que reveste o corpo das baleias francas é notável, podendo chegar a 40cm de largura em alguns pontos

Nos anos de 1981 e 1982, o Vice-Almirante Ibsen de Gusmão Câmara, um dos líderes na luta contra a continuidade da caça à baleia no Brasil, praticada até 1985 por japoneses instalados na Paraíba, por iniciativa própria, principiou a investigar relatos de pescadores e freqüentadores da costa catarinense atestando que “baleias pretas” estavam aparecendo esporadicamente no litoral Sul do Brasil. Já em 1981 tais entrevistas indicavam a presença regular recente de “baleias pretas” com filhotes. Com a continuidade das buscas, em agosto de 1982 avistaram uma fêmea adulta e seu filhote na praia de Ubatuba, Ilha de São Francisco do Sul, SC, e de várias outras observações posteriores de pares de mãe e filhote no mesmo ano vieram a confirmar o status do litoral catarinense como área ativa de reprodução das baleias francas no Brasil, situada entre a Ilha de Santa Catarina e o Cabo de Santa Marta, na costa catarinense, denominado Projeto Baleia Franca, cujo objetivo fundamental, até hoje inalterado, é garantir a sobrevivência e a recuperação populacional da baleia franca em águas brasileiras.

A matança das Baleias eram as principais base econômicas da América Portuguesa o que causaram grandes alterações ambientais nas colonização européia à zona costeira do Brasil, do Nordeste ao Sul.

|  |  |
| --- | --- |
|  Entre os séculos XVIII e princípios do século XX a perseguição às baleias era feita em lanchas cujo formato até hoje é comum aos barcos de pesca artesanal catarinenses impulsionadas a remo e a vela. Os animais eram arpoados com um arpão rudimentar de ferro batido com farpas e uma haste de madeira, preso à lancha por um cabo, arrastada e golpeada com ferro de uns 2 metros de comprimento, que sangrava mortalmente o animal.

|  |
| --- |
|  Essa aula possibilitou ver o crescimento da conservação da espécie das baleias, e identifica nessa aula que pode ser praticado por todos com facilidade, por meio do projeto muitas parcerias foram fechadas com autoridades e empresários locais do setor turístico. É um lugar muito lindo para levar a família, pois é possível ver as baleias junto com seus filhotes nadando em paralelo à costa, e muitas vezes expondo a enorme nadadeira peitoral ou a cauda, realizando lindos saltos fora d´água. Lembrando que a temporada reprodutiva das baleias francas no Brasil é de julho a novembro. |

  |

**A Atuação da Apremavi - caso 4**

 Um aprendizado importante, nessa aula em relação ao funcionamento da Organização Brasileira para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Controle do Espaço Aéreo - CTCEA é uma Instituição, de direito privado, sem fins lucrativos, que tem por finalidade a realização de estudos, pesquisas e desenvolvimento de tecnologias alternativas por meio de elaboração e execução direta de projetos, programas e planos de pesquisa e de ensino, assistência técnica a organizações públicas, privadas e comunitárias, bem como a disseminação do conhecimento adquirido e capacitação dos recursos humanos no campo do controle do espaço aéreo e de defesa e preservação do meio ambiente, tendo como público alvo a sociedade brasileira em geral.

 A CTCEA foi criada no dia 12 de setembro de 2003, por um grupo de pessoas com conhecimento e experiência no desenvolvimento de projetos de interesse da sociedade civil organizada, atuando em parceria com instituições públicas e privadas na consolidação da engenharia brasileira nas áreas de desenvolvimento de projetos, arquitetura civil, elétrica, eletrônica, informática, mecânica, telecomunicações, sistemas e em outras especialidades.

A CTCEA prioriza a relação ética e transparente da Organização com os seus públicos interno e externo, estabelecendo metas corporativas compatíveis com o desenvolvimento sustentável da sociedade, caracterizando-se ainda, pela preservação dos recursos naturais do nosso país.

A responsabilidade social é conduzida pela CTCEA por meio do desenvolvimento de ações e projetos socioambientais, de dentro da organização para fora, acreditando que o investimento na Educação socioambiental de nossos colaboradores poderá contribuir como agentes multiplicadores das ações sustentáveis para a sociedade em suas diversas áreas.

Com isso a CTCEA, classificou algumas ações de relevância para o ambiente interno e externo. O Projeto de Inventário de Emissões de Gases de Efeito estufa foram identificadas algumas necessidades de desenvolvimento de projetos pra atender a demanda de redução das emissões de GEE que agridem a atmosfera contribuindo para o aquecimento global. Interno: Programa de conscientização do uso de combustíveis naturais (Gás Natural e Etanol) e rotas alternativas; Programa de Redução do Consumo de Papéis; Manutenção Periódica do sistema de refrigeração e incêndio, minimizando o risco de vazamento de gás; Programa de Redução no consumo de energia elétrica; e Programa de Coleta seletiva para Administração Central. No setor Externo Programa de Coleta seletiva para o edifício local da organização; e Projeto de Compensação ambiental através da Tarifação área ambiental.

Com essa aula, fica claro que a importância CTCEA e a Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida – APREMAVI, na restauração florestal de áreas degradadas mediante a produção de mudas no Viveiro de espécies nativas da Mata Atlântica que promover a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica, recuperando os recursos hídricos e a neutralização de carbono, priorizando as matas ciliares e proteção das nascentes.

 **Parque Nacional do Iguaçu - caso 5**

Nessa aula observamos as lindas Cataratas do Iguaçu com 2.700 metros de extensão, dos quais 800 metros estão do lado brasileiro e 1.900 metros do lado argentino. São compostas por um número variado de saltos e quedas que oscilam entre 150 e 270, de acordo com o volume de água do rio. Com quedas de 80 metros. Os saltos têm nomes próprios como Floriano, Deodoro, Benjamim Constant, mas, o mais famoso é a Garganta do Diabo. As rochas do Parna do Iguaçu se originaram de processos vulcânicos de fendas que ocorreu na região entre aproximadamente 165 a 120 milhões de anos.

O parque protege toda a bacia do rio Floriano, um dos afluentes do rio Iguaçu, uma raridade no sul do Brasil pela qualidade de água e de nascentes próximas à rodovia BR-277, entre Céu Azul e Santa Tereza. Além disso, o parque representa um patrimônio genético riquíssimo, protegendo uma grande parte da Floresta Estacional Semidecidual, sendo que nas porções altas, a mais de 800 metros do nível do mar, pode ser encontrada a Floresta Ombrófila Mista, ou Mata de Araucária.

Quanto à biodiversidade de fauna, já foram feitos registros de 257 espécies de borboletas, porém estima-se que existam cerca de 800, além de 45 mamíferos catalogados, 12 anfíbios, 41 serpentes, 8 lagartos, 18 peixes e 200 espécies de aves. São 14 os municípios localizados no entorno do parque: Capanema, Capitão Leônidas Marques, Santa Lúcia, Lindoeste, Santa Tereza do Oeste, Diamante do Oeste, Céu Azul, Matelândia, Ramilândia, Medianeira, Serranópolis do Iguaçu, São Miguel do Iguaçu, Santa Terezinha de Itaipu e Foz do Iguaçu.

O papel das unidades de conservação tem alcançado o entendimento de mais e mais estratos da sociedade mundial, o que tem aumentado a responsabilidade daqueles que as administram. É nesse contexto e no contexto da sua administração que ganha relevância a questão do planejamento, entendida, no caso, como o plano de manejo (PM), que deve preceder qualquer tipo de intervenção em uma área natural especialmente protegida. O Parque Nacional do Iguaçu abriga a maior e mais importante área de floresta Estacional Semidecídua do País. A vegetação dessa floresta está condicionada pela exposição a dois tipos de clima: um tropical, com época de intensas chuvas de verão, seguida por estiagem acentuada.

O Parque Nacional do Iguaçu abriga, em seus diferentes ambientes, variada fauna e funciona, literalmente, como último abrigo para uma enorme quantidade de animais que tiveram seus habitats reduzidos aos próprios limites do parque. Existem no parque cerca de 800 espécies de borboletas, das quais foram identificadas apenas 257 e das 70 espécies de peixes estimadas para os rios, foi identificada pouco mais da metade. Entre os anfíbios, o número de espécies pode chegar a 25 e, entre os fíbios, o número de espécies de serpentes, oito de lagartos e três de quelônios. Entre as aves, o número pode chegar a 240. Os mamíferos, a expectativa é de que o número de espécies chegue a 50.

Foi uma aula que gostei muito, falar de educação ambiental é prazeroso e assim com as outras aulas essa não foi diferente, observar essas ferramentas de conservação no Parque Nacional do Iguaçu com interação com a comunidade e fortalecendo por meio de experiências do grupo com a sociedade, protegendo a natureza e proporcionado renda.

 Projeto Café com Floresta - caso 6

O Projeto Café com Floresta, realizado desde 2001 com agricultores assentados pelo processo de reforma agrária no Pontal do Paranapanema, é baseado na implementação de um sistema diversificado, que associa o café com o cultivo de culturas anuais como feijão, milho, mandioca, entre outras, e que, além disso, planta na mesma área de cultivo, espécies de árvores nativas da Mata Atlântica, como Ingá, Louro Pardo, Timburi, Ficheira e tantas outras.

As áreas de café com floresta são implementadas principalmente nos assentamentos próximos a fragmentos florestais, a presença das árvores neste sistema possibilita uma menor susceptibilidade à geada, que é um grande risco na produção do café. Dessa forma, possibilidade de danos causados pelo uso do agrotóxico, que afetam o produtor, o meio ambiente e quem consome os produtos ali gerados. A auto-suficiência do produtor na condução da cultura do café, pois os insumos podem ser encontrados na sua propriedade ou produzidos pelo agricultor, diminuindo os custos do cultivo.

As atividades de plantio de café orgânico, os pesquisadores do IPÊ procuram conscientizar os agricultores da valorização dos recursos naturais disponíveis nas propriedades locais e que normalmente não são aproveitados pelas famílias, como esterco da bovinocultura de leite, de galinhas e suínos, que fazem parte da exploração familiar. Folhas que caem de árvores e normalmente eram queimadas como lixo, passaram a ser aproveitadas junto com os restos de culturas. Tais materiais reunidos são agora utilizados na formulação de composteiras, que melhoram consideravelmente a fertilidade do solo. A mudança de comportamento dos produtores em relação ao novo modelo de produção já pode facilmente ser visualizada na condução da propriedade, não somente na área referente ao Projeto Café com Floresta, mas em outras atividades da propriedade.

As áreas em desenvolvimento deste projeto têm como função inicial servir de Unidade Demonstrativa, onde as difusões das técnicas aplicadas são visíveis, o que facilita a reprodução por outros produtores da região.

O projeto do trabalho do IPÊ é o plantio diversificado com culturas de subsistência aplicado nas propriedades, no mesmo lote onde se encontra a plantação de café, o produtor retira outros produtos como: mamão, banana, abóbora, milho, mandioca, tomatinho, melancia, melão, batata-doce, quiabo, arroz, feijão, entre outros, dando uma condição de fartura na subsistência familiar (que antes não acontecia por simples falta de orientação), e enriquecendo o solo para futuras plantações.

**Histórico**

O início das ações do IPÊ em educação e capacitação foi em 1996, quando criou o CBBC - Centro Brasileiro de Biologia da Conservação, pioneiro em cursos do gênero no Brasil. Com o decorrer dos anos, outros cursos foram realizados, ampliando as temáticas e o número de alunos interessados em aprender mais sobre meio ambiente e conservação.

Em 2013, as iniciativas educacionais mencionadas, que aconteciam por meio do IPÊ de forma independente umas das outras, organizaram-se sob a forma de uma única escola, a ESCAS. A partir de então, a ESCAS passa a abrigar todos os cursos: Curta Duração (antigo CBBC), MBA e Mestrado Profissional. A fundação oficial foi em 1992, mas o IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas começou sua história muito antes dessa data.

Em 1978, aos 30 anos, Claudio Padua deixou para trás a carreira bem sucedida de diretor administrativo no Rio de Janeiro para se dedicar exclusivamente à Biologia. A mudança radical de vida incluiu sua esposa, Suzana Pádua, e seus três filhos. A família mudou-se para o Pontal do Paranapanema (extremo oeste de São Paulo) para que Claudio pudesse realizar as pesquisas com o mico-leão-preto, um dos primatas mais raros e ameaçados de extinção no mundo.

Com o decorrer das pesquisas, foi constatado que, para a conservação efetiva da espécie, seria necessário o apoio dos moradores do entorno da floresta, habitada pelo mico-leão- preto. Começava aí o trabalho de educação ambiental do IPÊ, liderado por Suzana que, ao envolver as comunidades da região, iniciou o processo de conscientização sobre a importância da proteção da natureza. Aos poucos, as pessoas foram compreendendo que a conservação do mico ajudaria não só a conservar da Mata Atlântica, já bastante ameaçada, mas também suas próprias vidas.

O Instituto, que começou com o Projeto Mico-Leão-Preto, agora conta com mais de 90 profissionais trabalhando em mais de 40 projetos pelo Brasil, em locais como o Pontal do Paranapanema e Nazaré Paulista (SP), Ariri (SP/PR), Baixo Rio Negro (AM), Pantanal (MS), e uma área particular em Portel (Pará).

Nos locais onde atua, a organização tem adotado o modelo IPÊ de Conservação, desenvolvido com base nas experiências dos anos de trabalho. É um modelo de ação integrado que inclui pesquisa de espécies ameaçadas, educação ambiental, restauração de habitats, envolvimento comunitário com desenvolvimento sustentável, conservação da paisagem e envolvimento em políticas públicas.

Um dos objetivos do Instituto é conservar a biodiversidade, respeitando as tradições das comunidades do entorno dos locais que precisam ser protegidos e onde são realizadas suas pesquisas. As alternativas sustentáveis para geração de renda surgem para criar novas fontes de sustento para as famílias destas regiões, auxiliando a diminuir a pressão humana sobre a biodiversidade.

Uma das preocupações do IPÊ desde a sua criação é a transferência do conhecimento adquirido em suas pesquisas. Para isso, capacita continuamente seus profissionais e dá oportunidades e incentivo a seus estagiários que, muitas vezes, continuam a trabalhar no Instituto após a graduação. Como parte do processo educacional, hoje o IPÊ conta com 10 doutores e 20 mestres, muitos deles professores do Centro de Biologia da Conservação (CBBC) e da ESCAS - Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade - universidade criada em parceria com a Natura e Instituto Arapyaú.

O Projeto Café com Floresta é uma pequena parcela da somatória de esforços de todos os trabalhos relacionados à biologia da conservação, desenvolvida pelo IPÊ no Pontal do Paranapanema. Ele complementa as atividades realizadas nos projetos de educação ambiental, detetives ecológicos e medicina da conservação, entre outros.

A ESCAS - Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade é uma iniciativa do IPÊ para a formação de profissionais capazes de desenvolver, implementar e multiplicar ações na área socioambiental. Com a Escola, o IPÊ desenvolve uma parte importante de sua missão institucional, que é a de compartilhar conhecimentos para a conservação da biodiversidade de maneira inovadora. O alinhamento entre a teoria e a prática, o foco na multidisciplinaridade e a excelência de seu corpo docente composto por renomados profissionais da área socioambiental, atuantes tanto na academia como no mercado, são os diferenciais da ESCAS.

Nessa aula aprendi o funcionamento do café com floresta, e me chama atenção ESCAS, esse projeto oferece cursos diferenciados de curta duração, MBA e Mestrado Profissional, na busca suprir as necessidades, seja para quem está em contato com a temática socioambiental e profissional que deseja uma atualização e especialização na área. ESCAS dispõe de mais de 30 [Cursos de Curta Duração](http://www.ipe.org.br/cursos), [MBA em Gestão de Negócios Socioambientais](http://www.negociosocioambiental.org.br) e [Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável](http://www.escas.org.br). Seus cursos são responsáveis pela capacitação de cerca de 500 pessoas do Brasil e exterior, oferecidos na sua sede, em sedes de parceiros.

 **Faber-Castell do Brasil - caso 7**

Os primeiros registros de fabricantes de lápis realizados pela primeira vez na cidade imperial de Nuremberg por volta do ano 1660. Vários artesãos também se estabeleceram nos vilarejos vizinhos, mas principalmente em Stein, na parte interna das fronteiras do Marquesado de Ansbach. No local, os artesãos não estavam sujeitos aos mesmos controles rígidos que estavam em vigor em Nuremberg, o que dava a eles uma vantagem sobre a concorrência. Um deles era o marceneiro Kaspar Faber. Primeiro, ele trabalhava para os comerciantes locais, mas também produzia lápis por conta própria em seu tempo livre. Em pouco tempo, ele obteve tanto sucesso que conseguiu abrir seu próprio negócio. Após esse humilde início, sua empresa se desenvolveria ao ponto de ser conhecida em todo o mundo.

 No início de 1774, Johann Wolfgang von Goethe conclui o romance “Os sofrimentos de Werther” em apenas quatro semanas Ludwig van Beethoven nasce em Bonn em 17 de dezembro de 1770. O Capitão James Cook e sua tripulação são os primeiros europeus a cruzar o Círculo Polar Antártico, em 1773, estima-se que cerca de 20 bilhões de lápis pretos e coloridos para todos os tipos de escrita, desenho e pintura sejam produzidos em todo o mundo a cada ano usando diferentes tipos de madeira. Desse número, cerca de 50% dessa produção ocorre na China. Os fabricantes europeus fabricam por volta de 2 bilhões por ano. Para obter sua independência em relação às madeireiras e, ao mesmo tempo, conseguir manter a demanda crescente, a Faber-Castell iniciou um projeto pioneiro de plantio há mais de duas décadas em um antigo pasto com solo arenoso pobre. Essa ação provou ser um projeto florestal único no setor, localizado no meio do cerrado brasileiro, na região de Prata (Minas Gerais), a mais de 2500 km de distância da floresta amazônica. Atualmente, o projeto cobre 10 mil hectares. O pinus usado para a plantio é de uma espécie tropical chamada de *Pinus caribea*, que cresce rapidamente, mesmo em condições desfavoráveis e tem fácil replantio. Utilizando tecnologias modernas de plantio e levando totalmente em consideração o solo, a água, a flora e a fauna existentes, esse projeto florestal representa um ciclo fechado ecologicamente perfeito, renovando cerca de 20 m³ de madeira por hora.

As árvores plantadas para a produção de lápis são colhidas ao completarem 25 anos de idade. A madeira mais grossa é utilizada na produção de lápis, e a madeira mais fina é comercializada para indústrias que produzem chapas de aglomerado, material utilizado na produção de móveis e outros produtos. As folhas e os galhos das árvores permanecem no solo, fornecendo nutrientes e servindo como adubo natural.

Os demais resíduos sólidos são utilizados para a geração de energia térmica, produção de húmus e em granjas de frango. Um hectare de plantação de árvores (área de um quarteirão urbano), gera: 3.500.000 lápis; 3.300 m² de chapas; casca para 90.000 vasinhos de violetas (em húmus); cama para cerca de 100.000 frangos.

A produção anual de lápis da Faber-Castell Brasil é de 1,9 bilhão de unidades. Com esse total seria possível dar seis voltas ao redor do planeta Terra, unindo os lápis um atrás do outro. A produção diária da Faber-Castell Brasil é de 6.000.000 de unidades. Com esse total seria possível formar uma fileira de lápis de Brasília a Salvador, unindo os lápis um atrás do outro.

Os primeiros lápis foram feitos artesanalmente. Um entalhador de móveis cortou a madeira e esculpiu um talho para servir de apoio para a grafite. Os usuários de lápis eram principalmente carpinteiros e artistas.

Depois do rápido aumento de preço da grafite, durante o período das guerras napoleônicas, a mistura da grafite com o barro foi desenvolvida em princípios do século XIX. A grafite foi pulverizada e misturada com barro úmido. As varas finas talhadas foram queimadas e embebidas em óleo ou cera. Atualmente, os lápis são trabalhados a partir de tábuas de sarrafo. Cada par de tábuas produz até dez lápis convencionais.

A importância de conhecer uma empresa como a Faber é imensa, nessa aula observamos a proteção ambiental e o respeito da empresa com a sociedade. A Faber Castell promove políticas para a sustentabilidade nas empresas, mostrando como o reflorestamento de áreas devastadas para auto-suficiência em matéria prima pode trazer para a empresa o equilíbrio entre nas esferas econômica, social e ambiental, fazendo dela uma empresa sustentável.

* **Capítulo 08 - Instituto Romã - caso 8**

O Instituto Romã tem o propósito de difundir a importância da convivência com a natureza de forma atenta e sensível como base para os processos de desenvolvimento humano, seja para a aprendizagem da sustentabilidade ou de questões ambientais e sociais específicas, seja para contribuir para a prática do diálogo entre pessoas de diferentes percepções de mundo. Partimos do pressuposto de que aquilo que nos é essencial, a vida, não tem sido percebida e cuidada como deveria ou poderia, e que a ampliação de sua percepção pode transformar nosso destino como seres conscientes, sensíveis e responsáveis. Aparentemente óbvio, não é fácil estarmos plenamente conscientes e perceptivos da vida que flui através de nós. Em pesquisas recentes, diversas enfermidades e distúrbios de comportamento estão sendo relacionados ao déficit de natureza.

Conduzir as pessoas a essa percepção requer técnica, sensibilidade e dedicação. Foi para desenvolvê-las e praticá-las que foi criado o Instituto Romã. Desenvolver a percepção dos sentidos. Com propósito de aprimorar a escuta ativa; Criar uma postura interativa não hierárquica das pessoas entre si e com a Natureza; Ampliar a capacidade de observar; Potencializar processos de autoconhecimento.

O Instituto tem muitos projetos realizados, são elas:

Instituto Ecofuturo

. Oficinas de Educação Ambiental para educadores nas Bibliotecas Ler é Preciso em São Paulo, Bahia, Espírito Santo e Pernambuco, abrangendo educadores e profissionais de 35 bibliotecas;

. Formação de professores dos municípios do entorno do Parque das Neblinas;

. Condução de grupos em eventos especiais no Parque das Neblinas;

. Treinamento de monitores ambientais do Parque das Neblinas;

. Participação na avaliação dos monitores ambientais em seleção para o Parque das Neblinas;

. Participação no júri do Premio Educação para a Sustentabilidade para professores.

Nessa aula possibilitou reconhecer os conceitos e os princípios do instituto Romã, identificando os ramos de trabalho e verificando os programas de formação em sustentabilidade incluindo vivencias com a natureza, por meios de cursos e palestras sobre temas ambientais específicos. Tendo também o objetivo de elaboração de textos, formando professores e educadores.

**Reserva Particular do Patrimônio Natural Volta Velha - caso 9**

Criada em 1992, a **RPPN - Reserva Volta Velha**, é uma única propriedade constituída pela RPPN Palmital (Decreto 70/92 IBAMA), com 586 hectares e a Fazenda Palmital, com outros 600 hectares, sendo que destes, 590,6 hectares tem o mesmo tratamento destinado a Unidade de Conservação. Foi criada pela Família Machado com o objetivo de conservar um dos últimos remanescentes da Floresta Ombrófila Densa das Planícies Quaternárias do litoral norte de Santa Catarina.

Localiza-se no município de Itapoá/SC e têm como foco servir de base para pesquisa científica, projetos de conservação, educação ambiental além de atividades voltadas ao ecoturismo, promovendo a convivência equilibrada entre o homem e a natureza para que as atuais e futuras gerações sejam efetivamente beneficiadas.

Há duas décadas desenvolve estudos ecológicos nas comunidades florestais, mamíferos e aves, possuindo um expressivo acervo de conhecimento científico das planícies costeiras tendo como gestora, a [**ADEA**](http://www.reservavoltavelha.com.br/hp/index.asp?p_codmnu=7)- Associação de Defesa e Educação Ambiental. A conservação dos recursos genéticos de fauna e flora da Mata Atlântica em sua área possibilita o desenvolvimento de pesquisas científicas, programas de educacionais, vivências de resgate e difusão da cultura indígena, observação de pássaros entre outras.

Por estar localizada em uma área remanescente da Planície Quaternária do Estado de Santa Catarina e também pelo modelo de gerenciamento envolvendo parcerias com instituições de pesquisa, educação e ecoturismo, a Reserva Volta Velha foi selecionada pela UNESCO / Programa MaB - "O Homem e a Biosfera" como uma das Áreas Piloto da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica em Santa Catarina.

A partir de 1997 iniciou-se o programa de educação ambiental [Vieflora](http://www.reservavoltavelha.com.br/hp/index.asp?p_codmnu=4) - Viagens Educativas a Floresta Atlântica, destinado a alunos do ensino médio, com vivencias de dois dias na reserva.

A educação ao ar livre é uma experiência única de contato com a natureza, que leva os jovens a perceberem o mundo que os rodeia. Não há como transportar uma floresta, um rio nem um sítio arqueológico para a sala de aula, mas está ao nosso alcance possibilitar uma vivência que reúna as riquezas da água, do solo, das plantas, dos animais e das pessoas.

A Mata Atlântica é um laboratório vivo, onde os jovens têm a oportunidade de criar fortes laços com a natureza, por meio da formação de conceitos e valores e da criação de um senso de responsabilidade pelos recursos naturais. Volta Velha é uma unidade de conservação particular, com 586 hectares, criada em 1992, com o propósito de servir de base para pesquisas, para a educação e para o ecoturismo. Com cerca de duas décadas de estudos ecológicos – envolvendo comunidades florestais, mamíferos e aves -, a RPPN Volta Velha possui um dos maiores acervos de conhecimentos científicos das planícies costeiras do Brasil e conta com o gerenciamento da ADEA – Associação de Defesa e Educação Ambiental.

O CEAL - Centro de Educação ao Ar Livre, integrado à RPPN Reserva Volta Velha dispões de sete apartamentos, para a acomodação de grupos de até 44 pessoas, além de refeitório, trilhas interpretativas, uma oca dos índios Waurás, do Xingu, e uma casa de vidro na floresta. A presença da cultura indígena é ressaltada pelos vestígios das populações primitivas que habitaram a área da reserva, como o sambaqui Volta Velha II, com cerca de 3 mil anos de idade.

Programa de Educação ao Ar Livre da RPPN Reserva Volta Velha atende às necessidades curriculares de jovens do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, com base no currículo proposto pelos PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais, do MEC - Ministério da Educação e Cultura e seus temas transversais. Além disso, a estrutura pedagógica do programa é orientada pelo Glen Helen Outdoor Education Center, de Yellow Springs, Ohio, EUA, que compartilha com a RPPN Reserva Volta Velha seus mais de 50 anos de experiência em educação ao ar livre.

A adaptação metodológica à realidade brasileira está a cargo do CEAL em parceira com a Síntese - Centro de Estudos, Aperfeiçoamento e Desenvolvimento da Aprendizagem de Curitiba – PR.

O respeito pelo indivíduo e as relações interpessoais são a base dessa metodologia, que trabalha valores de vida em sociedade, cooperação e integração socioambiental.

As atividades são distribuídas em três dias e duas noites, tendo como ferramentas de ensino as seguintes trilhas temáticas: Acesso à cultura indígena, por meio do contato direto com as etnias Guarani e Waurá, a fim de conhecer as tradições, as danças, as histórias, os idiomas e os costumes desses povos; Exploração da Geologia, por meio do estudo das rochas e dos diferentes tipos de solo encontrados na planície costeira; Contato com o mundo dos animais silvestres, com o objetivo de observar suas principais características, conhecer seus hábitos e buscar vestígios para a identificação dos diferentes grupos; Pesquisa de comunidades florestais, para avaliar os ciclos e as dinâmicas das formações das planícies costeiras da Mata Atlântica; Estudo da meteorologia, por meio da coleta de dados do clima, da análise e da previsão do tempo; Realização de trilha noturna ou trilha dos sentidos, na qual se vivenciam os hábitos dos animais noturnos.

Em 2005 foi formado o [CEAL](http://www.reservavoltavelha.com.br/hp/index.asp?p_codmnu=4) - Centro de Educação ao Ar Livre da RPPN - Reserva Volta Velha, com programas de educação ambiental para alunos da 5.ª e 6.ª do ensino fundamental. Estes programas têm como base a estrutura pedagógica do Glen Helen Outdoor Education Center, de Yellow Springs, Ohio, EUA, instituição com mais de 50 anos de experiência em Educação ao Ar Livre.

No mesmo período foi desenvolvido programa dirigido a turistas, denominado [Circuito Ecoturístico Expedição Mata Atlântica](http://www.reservavoltavelha.com.br/hp/index.asp?p_codmnu=2). Nesta atividade, ressalta-se a vivência da cultura indígena brasileira, destacando-se aspectos do dia a dia, costumes, danças entre outros, em uma OCA Xinguana, trajetos em trilhas interpretativas e canoagem no Rio Saí Mirim.

Nessa aula observamos a difusão da cultura indígena conhecendo seus afazeres, alimentação, rituais, histórias, artesanato, etc., o que foi muito prazera. Neste aula ficou bem clara a difusão da cultura indígena brasileira, o ecoturismo e a educação ambiental.

 **Projeto Arara-Azul - caso 10**

O Projeto Arara Azul é um projeto que estuda a biologia e relações ecológicas da [arara-azul-grande](http://www.projetoararaazul.org.br/arara/Home/OProjeto/Gloss%C3%A1rio/tabid/117/Default.aspx#araraazulgrande), realiza o manejo e promove a conservação da arara azul em seu ambiente natural. O Projeto estuda a biologia reprodutiva das [araras vermelhas](http://www.projetoararaazul.org.br/arara/Home/OProjeto/Gloss%C3%A1rio/tabid/117/Default.aspx#araravermelha), tucanos, gaviões, corujas, pato-do-mato e outras espécies que co-habitam com a arara azul no Pantanal.
 O Projeto compreende o acompanhamento das araras na natureza, o monitoramento de ninhos naturais e artificiais numa área de mais de 400 mil hectares além do trabalho, em conjunto com proprietários locais, de conservação da espécie. O Projeto utiliza a arara azul como uma espécie bandeira para promover a conservação de outras espécies, da biodiversidade e do Pantanal como um todo, o Projeto é realizado no Pantanal, principalmente do Estado do Mato Grosso do Sul e esporadicamente no Estado de Mato Grosso.

Desde 1998 com a implantação da 1ª base de campo no R.E. Caiman, temos uma equipe de tempo integral, geralmente 1-2 pessoas no 1º semestre e 3-4 pessoas no 2º semestre do ano para desenvolverem as atividades na Caiman e em outras fazendas na região de Miranda. No período de seca, de junho a novembro, praticamente todos os ninhos têm acesso com o veículo toyota hilux, com o qual nos locomovemos.

Na época das cheias, alguns ninhos ficam isolados pela água, então, utilizamos trator, barco, cavalo ou se necessário andamos á pé levando todo o equipamento em mochilas, por até alguns quilômetros dependendo da localização do ninho. Dependendo da época do ano, período reprodutivo (2º semestre) e período não reprodutivo (1º semestre), das condições climáticas e necessidades individualizadas, as atividades podem variar. Além disso, ao longo do ano, trabalhamos com o envolvimento da comunidade através de trabalhos de educação ambiental com crianças, peões e fazendeiros ou nas escolas, proferimos palestras, realizamos oficinas de corte-costura, artesanato e outros com mulheres carentes e participamos de feiras e exposições

Desde o início do Projeto Arara Azul, os trabalhos de campo têm sido intensos e contínuos, principalmente no período reprodutivo das araras azuis. Mesmo estando com uma equipe pequena aproveitamos a oportunidade de estar no Pantanal, que é um verdadeiro laboratório para pesquisa, para desenvolver ou apoiar outros trabalhos, projetos, dissertação de mestrado, teses de doutorado etc.

Avalio essa aula positivamente, aprendi muito com os professores e palestrante, que de maneira dinâmica nos mostraram a importância do projeto arara-azul. A bela ave encanta a todos com sua cor vibrante e som alegre, o projeto monitora, recupera os ninhos naturais e artificiais da ave, observando o período de reprodução das aves e seus resultados. O acompanhamento dos filhotes, são ações de educação ambiental, assim como com palestras nas escolas da região e atividades com as crianças e visitantes à sede do Projeto Arara Azul.



PRODUÇÃO TEXTUAL

DAIANE PEREIRA DA SILVA SOUZA¹

**Mecanismos de coesão textual**

 O curso de produção textual proporcionou um contato maior no campo de aprendizado, de forma clara e prática, conceituamos o significado de texto em sentido lato designando a capacidade textual do ser humano, em produzir um romance, uma música, uma pintura, um filme ou escultura etc., isto é, de qualquer tipo de comunicação realizada por meio de um sistema de signos.Otexto em sentido restrito consiste em uma seqüência falada ou escrita que constitua uma unidade global de significação, independentemente de sua extensão. Trata-se, dessa forma, de uma unidade semântico-pragmática, de um contínuo sociocomunicativo, que se caracteriza, entre outros fatores, pela coerência e pela coesão.

A Textualidade é conjunto de propriedades que uma seqüência de enunciados deve apresentar para constituir um texto. Sendo a Coesão Textual uma propriedade textual responsável pelo encadeamento semântico entre frases ou parte delas, que se inter-relacionam para assegurar um dado desenvolvimento informacional. A Coerência trata-se de uma propriedade textual que permite ao leitor alocutário descobrir alguma espécie de conexão conceptual entre os elementos de uma dada seqüência lingüística, havendo assim uma convergência entre a configuração de conceitos, as relações manifestas e o conhecimento prévio ativado pelo receptor.

A coesão textual contribui para formação do texto, dando-lhe sentido e continuidade entre suas partes. A coesão como elementos linguísticos presentes na superfície textual que se encontram interligados, por recursos linguísticos, formando sequências de sentidos. Dessa forma, a coesão nada mais é do que a ligação harmoniosa entre as palavras, das palavras formando os parágrafos e dos parágrafos formando o texto.

A coesão textual diz respeito aos processos linguísticos que permitem revelar a interdependência semântica existente entre sequências textuais, todos os processos de sequencialização que asseguram uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual, portanto, podem ser encarados como instrumentos de coesão, e estão ligados aos elementos que constituem a estrutura do texto.

A coesão é a manifestação linguística da coerência; advém da maneira, como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. A coesão é responsável em construir a unidade formal do texto, por meio de mecanismos gramaticais e lexicais contribuindo para um bom desenvolvimento no texto.

A coesão textual é como se fosse um arranjo que ajuda na construção de informações coerentes, existem muitas classes gramaticais responsáveis na organização do texto que possibilitam a construção de sentidos no texto. Coesão é uma função na qual o signo linguístico relaciona um objeto extralinguístico, que pode ser textual ou anafórica, A coesão textual necessita de cinco categorias de procedimentos: referência, substituição, elipse, conjunção e léxico.

Coesão por referência:fazem remissões aos componentes superficiais presentes no texto, por meio dos pronomes pessoais (eu, tu, ele, me, te,); pronomes possessivos (meu, teu, seu,); pronomes demonstrativos (este, esse); pronomes indefinidos (algum, nenhum); pronomes relativos (que, o qual, onde); advérbios de lugar (aqui, aí, lá); artigos e numerais.

Coesão por substituição: substituição de um nome (pessoa, objeto, lugar etc., nominal, verbal, frásica); elipse (nominal, verbal e frásica); conjunção (aditiva, adversativas, causais, temporais) e coesões lexicais (repetição, sinonímia, hiperonímia) e não necessita do pragmático para realizar sua função.

 Um dos fatores importantes na substituição é a presença da elipse que pode ocorrer por meio da omissão de elementos nominais, verbais e oracionais, mas recuperáveis pelo contexto, possibilitando ao leitor compreender o sentido no texto, pois se ela for empregada de forma incorreta, o leitor não irá entender a mensagem.

A coesão por conjunção não se trata de uma relação anafórica, consiste na relação de coesão estabelecida nas orações, nos períodos e nos parágrafos. As conjunções também ajudam a criar um sentido lógico nos textos.

A coesão lexical é obtida pela reiteração de itens lexicais idênticos ou com o mesmo referente. Com a reiteração dos elementos lexicais cria a construção de sentidos dentro do texto, para não cansar o leitor. A reiteração lexical é formada por repetições de expressões de palavras no texto que produzem novas expectativas no leitor.

 Outro fator importante na formação de um texto é a presença do paralelismo, no qual as estruturas são reutilizadas, dando-lhe continuidade. O mesmo ocorre com a paráfrase, que é uma atividade efetiva de reformulação pela qual, bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não, se restaura o conteúdo de um texto, num texto-derivado, permitindo a elevação de uma atividade efetiva de reformulação, produzindo novos textos com ajuda de recursos fonológicos segmentais e supra-segmentais, formando uma consequência na estrutura semântica fornecida pela sintaxe.

Nesta aula compreendemos que é por meio da coesão sequencial se pode fazer o texto progredir, dando-lhe segmentos, sendo que esse tipo de coesão textual pode ocorrer por sequência temporal ou por conexões, no qual os operadores discursivos têm por função estruturar, por meio de encadeamentos, os enunciados no texto.

**COESÃO TEXTUAL: REITERAÇÃO E OS MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL**

A Coesão Referencial como já foi dito se manifesta por meio de itens lingüísticos que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, como pronomes pessoais, demonstrativos e relativos. A Coesão por Substituição ocorre quando um dado elemento lingüístico é retomado ou precedido por um outro elemento. No caso da retomada, tem-se a *anáfora*. Ex.: “Carla tem um automóvel. Ele é verde”. No caso da antecipação, tem-se a *catáfora*. Ex.: “Quero dizer-te uma coisa: gosto de você”. A Coesão por Reiteração é a repetição de expressões que têm a mesma referência no texto. A Repetição do mesmo item lexical ocorre quando a retomada da informação se dá pela repetição das mesmas expressões lexicais.

Um processo importante na produção textual é a Sinonímia, que ocorre quando a repetição se dá pelo emprego de sinônimos. Ex.: “O barulho é um dos problemas mais graves que afligem nossa civilização nesse século. Os milhões de ruídos que rodeiam o homem diariamente, em quase todos os cantos, em sua maior parte, são produzidos por ele mesmo”. Na aula também foram apresentado o conceito e alguns exemplos de Hiperonímia/hiponímia, no qual o primeiro elemento de uma seqüência lingüística mantém com um segundo uma relação todo/parte, classe/elemento, tem-se um *hiperônimo*. Quando o primeiro elemento mantém com o segundo uma relação parte/todo, elemento/classe, tem-se o *hipônimo*.

As Expressões nominais definidas ocorrem quando há retomadas de um mesmo referente por meio de expressões de natureza diversa, relacionadas com o nosso conhecimento de mundo. Os Nomes genéricos ocorrem quando há reintegração do item lexical pela utilização de nomes genéricos, como: pessoa, coisa, fato, gente, negócio, lugar, idéia, funcionando como itens de referência anafórica.

 O conceito de Coesão Recorrencial é quando as retomadas de estruturas lingüísticas visam à progressão do discurso. Constitui um meio de articular a informação nova àquela já conhecida no contexto. Também tem as Retomada de termos que é quando a repetição de um mesmo termo exerce uma função determinada, de ênfase, intensificação etc. No Paralelismo ocorre quando os elementos lingüísticos são reutilizados em enunciados com sentidos diferentes.

**Coesão textual: associação e conexão**

A Coesão Seqüencial tem a mesma função da coesão recorrencial fazendo progredir o texto, impulsionando o fluxo informacional. Difere da recorrencial por não apresentar retomadas de itens, sentenças ou estruturas. A Conexão das orações é estabelecida por Condição que estabelece uma relação de dependência entre proposições. Por Causa no qual ocorre quando há entre duas proposições uma relação de causa- conseqüência. Pela Finalidade que estabelece a conexão entre as duas orações estabelece uma relação meio-fim. Outro fator é a Conformidade que exprime a conexão das duas orações mostra a conformidade de conteúdo de uma oração em relação à outra. A Explicação exerce a conexão das duas orações mostra que a segunda explica a primeira e a Adição é responsável pela conexão das duas orações mostra um conjunto de ideias entre as proposições.

Na aula ficou bem clara a Conexão de enunciados em textos: por meio de encadeamentos sucessivos e diferentes entre dois ou mais períodos e entre parágrafos de um texto. Os elementos formais responsáveis por esse tipo de conexão são chamados operadores argumentativos. São operadores argumentativos: com o propósito de, com a intenção de, pelo contrário, em vez disso, em contrapartida, em suma, em síntese, em conclusão, para resumir, para concluir etc.

**Seleção do vocabulário**

 A aula inicia com pergunta: O QUE É FAMIGERADO? Do conto de Guimarães Rosa.

Ao fazer a escolha de vocábulos, temos de ter em mente a adequação do uso de tal vocábulo, e isso certamente vai contribuir para a melhor compreensão da nossa mensagem. O vocábulo deve **ser adequado à pessoa que fala e, nessa situação, podemos ter os regionalismos, o jargão profissional, os vocábulos cultos e populares; em outros casos, devem ser adequados ao ponto de vista do autor do texto e, nesta situação, aparecem os vocábulos positivos, neutros ou negativos; em alguns textos podem ser empregados vocábulos que representam uma época determinada e assim por diante.**

**O conceito de Vocabulário:** Codificação da totalidade ou seleção de palavra de uma língua e seus significados. (**dicionário Houaiss)**

**Tipos de Vocabulários:** Grupos de palavras; Fórmulas fixas; Expressões idiomáticas; Construções convencionais

**Grupos de palavras:**

* Água sanitária
* Meio ambiente
* Ar condicionado
* Corpo docente

**Fórmulas fixas:**

* Bom dia!
* Boa noite!
* Com licença!
* Por favor!
* Muito obrigada!

**Expressões idiomáticas:** Deviso as mudanças e variações linguisticas as expressões idiomáticas variam de país para país, região para região, cultura para cultura, entre outras variações de tempo e espaço.

**Exemplos de expressões idiomáticas:**

* Abandonar o barco: desistir de uma situação difícil que se repete cotidianamente.
* Abotoar o paletó: Morrer
* Amigo da onça – amigo interesseiro, traidor.
* Andar nas nuvens – estar desatento, distraído.
* Arregaçar as mangas – dar início a um trabalho ou a uma atividade.
* Bater na mesma tecla – insistir demais no mesmo assunto.
* Boca de siri – manter segredo sobre algo.
* Cara de pau – descarado, sem-vergonha.

**Construções convencionais**

* Você quer vim a ser casar comigo?
* Você quer casar-se comigo?
* Você quer casar comigo?

DENOTAÇÃO

A denotação é a relação existente entre o plano de expressão e o plano de conteúdo, ou seja, o significado denotativo é o conceito ao qual nos remete certo significante. Nos textos literários nem sempre a linguagem apresenta um único sentido, aquele apresentado pelo dicionário. Empregadas em alguns contextos, elas ganham novos sentidos, figurados, carregados de valores afetivos ou sociais. Quando a palavra é utilizada com seu sentido comum (o que aparece no dicionário) dizemos que foi empregada **denotativamente.**

CONOTATIVA

Esses novos valores constituem aquilo que denominamos sentido conotativo, ou seja, o acréscimo de um novo valor constitui a conotação, que consiste num novo plano de conteúdo para o signo que já tinha um significado denotativo.Provocando reação Quando é utilizada com um sentido diferente daquele que lhe é comum, dizemos que foi empregada **conotativamente.** Este recurso é muito explorado na Literatura, é empregada em letras de música, anúncios publicitários, conversas do dia a dia, etc. Observe um trecho da canção **“Dois rios”,** de Samuel Rosa, Lô Borges e Nando Reis.

Note a caracterização do **sol:** ele foi empregado conotativamente.

Exemplos:

* A GAROTA NÃO FEZ UM BOM PAPEL ( conotativo)
* PEGUE PAPEL E CANETA( denotativo)

**FAMILIAS: IDEOLOGICA E CAMPOS ASSOCIATIVOS**

Associados a um vocábulo, por exemplo: Lazer: esporte, diversão, viagem, alegria...

**TIPOS DE VOCABULO**

Imagem de futebol: língua falada ou coloquial

Imagem digitada: linguagem escrita- formal

Imagem de uma noticia: vocabulário leitura- não precisa pesquisar

Imagem de leitura de livro: tem que realizar consulta ao dicionário.

**Domínio e Rendimentos:**

**A** dificuldade apresentada é pelos entulhamentos de itens desconhecidas( jurídica, médica) que dificultam a leitura, sendo assim não é vantajosa. Alguns vocábulos comprometem toda leitura.

Exemplo: bula de remédio. Linguagem hermética

Exemplo o conto PREBICITO de Arthur Azevedo. Eles não sabiam o significado da palavra, isso causou uma grande confusão.

Evitar o uso de chavões, guichês, termos genéricos e vagos exemplo a Vaguidão Específica de Millôr Fernandes: Falando de qualquer coisa, o que causou humor no texto.

COMO AMPLIAR VOCABULÁRIO:

* RECUSO DO DICIONÁRIO
* INFERENCIA LEXICAL
* RESOLVER CRUZADAS
* BRINCADEIRA EM GRUPO
* LEITURA DE DIVERSOS TEXTOS

A dificuldade em realizar a leitura é tida como um dos maiores obstáculos enfrentados pelos alunos. Preocupados com essa questão, vários educadores estão em busca de o melhor caminho a seguir, contribuindo para um melhor desenvolvimento da leitura.

PARAFRAFOS:

Nessa aula aprendemos como formar um paragráfo coerente, utilizando a criatividade que é muito importante para desenvolver qualquer atividade. No que diz respeito à escrita, para criar um parágrafo é necessário que os estudantes saibam o conceito de parágrafo, para depois começar a construir um texto. O primeiro parágrafo de um textodeve ser escrito da maneira mais simples possível. É ele quem vai atrair a atenção do leitore despertar sua curiosidade para a leitura do texto. O parágrafo é o conjunto de frases que formam uma sequência com sentido, com lógica. Pode ser assinalado graficamente, como exposto acima, ou ainda oralmente, quando se faz uma pausa maior dos fatos ou quando iniciamos um novo assunto.

**Tipos de Parágrafos:**

 Os textos são estruturados geralmente em unidades menores, os parágrafos, identificados por um ligeiro afastamento de sua primeira linha em relação à margem esquerda da folha. Possuem extensão variada: há parágrafos longos e parágrafos curtos. O que vai determinar sua extensão é a unidade temática, já que cada idéia exposta no texto deve corresponder a um parágrafo.

É muito comum nos textos de natureza dissertativa, que trabalham com idéias e exigem maior rigor e objetividade na composição, que o parágrafo-padrão apresente a seguinte estrutura: **Introdução** - também denominada tópico frasal, é constituída de uma ou duas frases curtas, que expressam, de maneira sintética, a idéia principal do parágrafo, definindo seu objetivo; **Desenvolvimento** - corresponde a uma ampliação do tópico frasal, com apresentação de idéias secundárias que o fundamentam ou esclarecem; **conclusão** - nem sempre presente, especialmente nos parágrafos mais curtos e simples, a conclusão retoma a idéia central, levando em consideração os diversos aspectos selecionados no desenvolvimento.

Nas dissertações, os parágrafos são estruturados a partir de uma idéia que normalmente é apresentada em sua introdução, desenvolvida e reforçada por uma conclusão.As dissertações escolares, normalmente, costumam ser estruturadas em quatro ou cinco parágrafos (um parágrafo para a introdução, dois ou três para o desenvolvimento e um para a conclusão).

É claro que essa divisão não é absoluta. Dependendo do tema proposto e da abordagem que se dê a ele, ela poderá sofrer variações. Mas é fundamental que você perceba o seguinte: a divisão de um texto em parágrafos (cada um correspondendo a uma determinada idéia que nele se desenvolve) tem a função de facilitar, para quem escreve, a estruturação coerente do texto e de possibilitar, a quem lê, uma melhor compreensão do texto em sua totalidade.

**Parágrafo Narrativo**: Nas narrações, a idéia central do parágrafo é um incidente, isto é, um episódio curto.Nos parágrafos narrativos, há o predomínio dos verbos de ação que se referem as personagens, além de indicações de circunstâncias relativas ao fato: onde ele ocorreu, quando ocorreu, por que ocorreu. O que falamos se aplica ao parágrafo narrativo propriamente dito, ou seja, aquele que relata um fato. Nas narrações existem também parágrafos que servem para reproduzir as falas dos personagens. No caso do discurso direto (em geral antecedido por dois-pontos e introduzido por travessão), cada fala de um personagem deve corresponder a um parágrafo para que essa fala não se confunda com a do narrador ou com a de outro personagem. **Parágrafo Descritivo**: A ideia central do parágrafo descritivo é um quadro, ou seja, um fragmento daquilo que está sendo descrito (uma pessoa, uma paisagem, um ambiente, etc.), visto sob determinada perspectiva, num determinado momento. Alterado esse quadro, teremos novo parágrafo. O parágrafo descritivo vai apresentar as mesmas características da descrição: predomínio de verbos de ligação, emprego de adjetivos que caracterizam o que está sendo descrito, ocorrência de orações justapostas ou coordenadas.

**A estruturação do parágrafo**:

O parágrafo-padrão é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada idéia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela. O parágrafo é indicado por um afastamento da margem esquerda da folha. Ele facilita ao escritor a tarefa de isolar e depois ajustar convenientemente as idéias principais de sua composição, permitindo ao leitor acompanhar-lhes o desenvolvimento nos seus diferentes estágios.

Os parágrafos são moldáveis conforme o tipo de redação, o leitor e o veículo de comunicação onde o texto vai ser divulgado. Em princípio, o parágrafo é mais longo que o período e menor que uma página impressa no livro, e a regra geral para determinar o tamanho é o bom senso. **Parágrafos curtos**: próprios para textos pequenos, fabricados para leitores de pouca formação cultural. A notícia possui parágrafos curtos em colunas estreitas, já artigos e editoriais costumam ter parágrafos mais longos. Revistas populares, livros didáticos destinados a alunos iniciantes, geralmente, apresentam parágrafos curtos. Quando o parágrafo é muito longo, o escritor deve dividi-lo em parágrafos menores, seguindo critério claro e definido. O parágrafo curto também é empregado para movimentar o texto, no meio de longos parágrafos, ou para enfatizar uma ideia.

**Parágrafos médios**: comuns em revistas e livros didáticos destinados a um leitor de nível médio (2º grau). Cada parágrafo médio construído com três períodos que ocupam de 50 a 150 palavras. Em cada página de livro cabem cerca de três parágrafos médios.

**Parágrafos longos**: em geral, as obras científicas e acadêmicas possuem longos parágrafos, por três razões: os textos são grandes e consomem muitas páginas; as explicações são complexas e exigem várias idéias e especificações, ocupando mais espaço; os leitores possuem capacidade e fôlego para acompanhá-los.

**ESTRUTURA DAS FRASES**

Estruturas das frases foi uma aula muito importante, no qual aprendemos o que era uma frase éum enunciado que por si mesmo estabelecer sentido, por meio das orações ou período. A oração possui dois termos essenciais, o **sujeito** e o **predicado**.

Nessa aula ficou bem claro que as transposições da oralidade prejudicam a leitura, e que as características sintáticas das frases devem ser: curtas ou longas.

 **REFERENCIAÇÃO E PROGRESSÃO REFERENCIAL**

A de referenciação que estabelecem a coerência e a progressão referencial e tópica na fala de adolescentes, sobretudo na investigação da anáfora indireta constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e por pronomes interpretados no âmbito da referenciação sem que haja correspondência a um antecedente ou subseqüente explicito no co-texto. Examina o uso da anáfora indireta em situações de diálogo como forma de demonstrar a relevância de tais anáforas, bem como a contribuição para a construção e reconstrução do sentido na fala. Fundamenta-se em autores que abordam a referenciação, os objetos-de-discurso, os tipos de anáfora indireta e a interação e comprometidos com o estudo da referenciação enquanto processo de negociação na atividade discursiva

A construção referencial apresenta uma referenciação induzida e sugerida no discurso sem remissão pontualizada nem retomada e correferenciação, parece ser o caso da anáfora indireta nominal analisada em que os conhecimentos de mundo organizados,bem como a ativação da linguagem e do pensamento durante a atividade situada são cruciais para a identificação da AI e para continuidade tópica. A criação de espaços cognitivos geram a identificação do antecedente da AI nominal, devido aos falantes possuírem parte da informação interiorizada para realizar a referenciação eficaz a cada atividade situada, uma vez que o discurso é sustentado pelo conhecimento partilhado. Quanto a AI pronominal, a forma *eles* apresenta restrições morfossintáticas no uso correferencial, porém, seu uso porta uma característica referencial coletiva, na qual

**Capítulo 08 - Coerência: princípios gerais**

### **COERÊNCIA TEXTUAL**

#### A coerência textual é a relação lógica entre as ideias, pois essas devem se complementar é o resultado da não contradição entre as partes do texto. Pronomes - todos os tipos de pronomes podem funcionar como recurso de referência a termos ou expressões anteriormente empregados. Para o emprego adequado, convém rever os princípios que regem o uso dos pronomes.

#### São fatores de grande importância para a existência de coerência, bem como para a construção semântica, num texto:

#### • Idéias ordenadas numa sequência lógica;

#### • Cuidado com a gramática, pontuação adequada;

#### • Fuga ao escapismo e ao invencionismo;

#### • Nexo do texto consigo mesmo (coerência interna);

#### • Nexo do texto com a realidade (coerência externa);

#### • Nexo do texto com a proposta dissertativa.

Nessa aula compreendemos que é possível que haja Coerência sem Coesão Textual, da mesma forma, é possível que haja Coesão sem Coerência textual

Capítulo 09 - Intertextualidade;

O importante fator de coerência é a intertextualidade, na medida em que , para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos. A intertextualidade pode ser de forma ou de conteúdo. A intertextualidade de forma ocorre quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados gêneros de discurso. Um subtipo de intertextualidade formal é a intertextualidade tipológica, que também é importante para o processamento adequando do texto. Os conhecimentos de mundo são armazenados em nossa memória sob forma de blocos – os modelos cognitivos globais, entre os quais estão as superestruturas ou esquemas textuais, que são conjuntos de conhecimentos que se vão acumulando quanto aos diversos tipos de textos utilizados em dada cultura. Quanto ao conteúdo, pode-se dizer que a intertextualidade é uma constante: os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura, etc., dialogam, necessariamente , uns com os outros. Essa intertextualidade pode ocorrer de maneira explicita ou implícita.

A Intertextualidade implícita não se tem indicação de fonte, de modo que o receptor deverá ter os conhecimentos necessários para recuperá-la; do contrário não será capaz de captar a significação implícita que o produtor pretende passar. Não havendo indicação da fonte do texto original, caberá receptor, através de seu conhecimento de mundo, não só descobri-la como detectar a intenção do produtor do texto ao retomar o que foi dito por outrem. O reconhecimento do texto fonte e dos motivos de sua reapresentação, no caso da intertextualidade implícita, é como se vê, de grande importância para a cons, trução de sentido de um texto.

**FATORES IMPORTANTES PARA OBTER COERÊNCIA EM UM TEXTO**

* Intencionalidade – ela exige do produtor a construção de um discurso coerente e coeso, capaz de satisfazer os objetivos em uma determinada situação comunicativa (informar, convencer, pedir, etc).
* Aceitabilidade – dá-se quanto à expectativa de que o recebedor tenha acesso a um texto coerente e coeso.
* Situacionalidade – refere-se a que diz respeito à adequação do texto à situação sócio-comunicativo, responsável pela pertinência e relevância do texto.
* Intertextualidade – para isso o texto deve interagir com outros textos que funcionam oco seu contexto.

A obra expõe a constituição dos sentidos nos textos e seus fatores, tais como os elementos lingüísticos, o conhecimento do mundo, as inferências e a situação. Um de seus capítulos é dedicado ao registro de como a análise da coerência textual pode auxiliar no trabalho do professor no ensino da língua e em sala de aula. Assim, a coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual – o mundo textual – e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso.

Todos esses recursos expressam relações não só entre os elementos no interior de uma frase, mas também entre frases e seqüências de frases dentro de um texto. Os autores apresentam ampla bibliografia comentada para os interessados em se aprofundar nesse campo.

**Gêneros textuais**

**Gêneros textuais são os conceitos que se aplicam aos diversos textos com características comuns em relação à linguagem e ao conteúdo propriamente dito.**

Encontramos diversos gêneros textuais: narrativos, descritivos e dissertativos, também existem diferentes tipos: receitas culinárias, *e-mail, orkut*, relatórios, cartas entre outros e todos estão vinculados ao letramento. a estrutura sócio-histórica enfatiza a importância da comunicação social: marcuschi defende a comunicação com significado e bakhtin defende os textos como ferramentas argumentativas, dividindo-os em subtipos, já bronckart enfatiza o relacionamento social, a criatividade; os gêneros caracterizam-se mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por detalhes lingüísticos. o homem precisa estar preparado para exercer a cidadania e enfrentar o mercado de trabalho, a competitividade, segundo suas necessidades. nas instituições escolares, todas as áreas deveriam trabalhar as competências leitora e escritora nos diferentes gêneros, pois, todos são um meio de comunicação e interferem no processo de relacionamento social para poder atingir o alvo desejado.

É importante ressaltar que se percebeu claramente, no decorrer do curso, a

progressão dos alunos na interpretação de texto, posto que eles apresentaram uma

leitura mais aprofundada, diferente da que tinham na fase inicial do projeto.

* Tipos textuais: seqüência definida pela natureza lingüística de sua composição (narração, descrição e dissertação);
* Gêneros textuais: são os textos encontrados no nosso cotidiano e apresentam características sócio-comunicativas (carta pessoal ou comercial, diários, agendas, *e-mail, orkut,* lista de compras, cardápio entre outros).

**TIPOS TEXTUAIS VOLTADOS PARA AS FUNÇÕES SOCIAIS DOS TEXTOS.**

* + Informativos;
	+ Expositivos;
	+ Numerados;
	+ Prescritivos;
	+ Literário;
	+ Argumentativo.

De acordo com diversas pesquisas voltadas para a questão dos gêneros textuais e segundo os autores citados acima, já se tornou evidente que os gêneros são fenômenos históricos ligados à vida cultural e social, os quais contribui para a ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia.

As aulas foram longas, e especificas, com exemplos adquiri um novo conhecimento por meio desse curso me capacitei e continuarei a cada dia me capacitando. O conceito de textos surgem na sociedade e pertencem a gêneros textuais que se relacionam com atividades sociais específicas, portanto ele deve ser produzido e utilizado para atingir um objetivo almejado. Muitos dos gêneros textuais são rotulados quanto a sua estrutura e organização ganhando assim uma significação.

Compreendermos as características estruturais de um texto e também as condições sociais que levam ao funcionamento e ao bom êxito de seu uso, por outro lado não podemos esquecer que a criatividade é uma ferramenta que deve ser levada em consideração.

**Seqüências textuais.**

A aula sobre seqüência textual falou sobre o conjunto de elementos que possibilita ao texto uma características narrativas, descritivas, argumentativas e/ou injuntivas. Desse modo, as seqüências podem determinar se o texto será predominantemente do tipo narrativo, descritivo, argumentativo ou injuntivo.

**1. Seqüência narrativa**

A seqüência narrativa é construída basicamente de verbos que expressam ação e encadeiam causas e conseqüências, revelando a interação de elementos (personagens, por exemplo) para a realização de fatos.

**2. Seqüência descritiva**

A **seqüência descritiva**, por sua vez, também pode possuir elementos como a seqüência narrativa, tendo como marca de distinção **a não interação** desses elementos para a realização de fatos.

**Seqüência argumentativa**

Para um texto ser caracterizado como argumentativo, é necessário a predominância da disposição lógica de indícios, suposições, deduções e opiniões que busquem respaldar uma verdade potencial. Portanto, necessário um conjunto de **seqüências argumentativas**.

**Seqüência injuntiva**

Comum em manuais de aparelhos eletrônicos e em receitas culinárias, a **seqüência injuntiva** prioriza a presença de verbos no imperativo com o intuito de orientar o leitor, por meio de comandos, na realização de tarefas. A seqüência injuntiva também pode ser utilizada para, em um conjunto textual como o poema, transmitir um pensamento, uma opinião.

Com essa aula percebemos que as seqüências textuais são de fundamental importância para a produção de textos, e que elas podem proporcionar a caracterização de um espaço, o relato de um acontecimento, a divulgação de uma opinião e o encaminhamento de uma atividade, mesmo que sejam utilizadas em contextos diferentes dos quais podemos encontrá-las e expressem idéias para além do seu usual, como é apresentado no exemplo final (seqüências injuntivas que funcionam como divulgadoras de uma opinião implícita).

A aula mostrou de que forma os mecanismos de coesão e de coerência contribuem para a construção de um determinado efeito de sentido nas letras das músicas, e como esses fatores desencadeiam os processos cognitivos que facilitam a recepção e a compreensão desse gênero textual, colaborando para formar uma visão crítica por parte principalmente, dos educandos. E Assim, podemos trabalhar na formação de leitores proficientes levando-os a compreender, inferir e produzir textos coesos, lembrando ainda que todas as questões aqui levantadas sobre a coesão e a coerência e seu estabelecimento têm implicações profundas no trabalho pedagógico. Dessa forma, a coesão trata da ligação, da relação, da conexão entre as palavras de um texto, através de elementos formais, que assinalam o vínculo entre os seus componentes e a coerência trata da relação que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido.

**Dois Rios**

[**Skank**](http://letras.mus.br/skank/)

O céu está no chão
O céu não cai do alto
É o claro, é a escuridão

O céu que toca o chão
E o céu que vai no alto
Dois lados deram as mãos

Como eu fiz também
Só pra poder conhecer
O que a voz da vida vem dizer

Que os braços sentem
E os olhos vêem
Que os lábios sejam
Dois rios inteiros
Sem direção

O sol é o pé e a mão
O sol é a mãe e o pai
Dissolve a escuridão

O sol se põe se vai
E após se pôr
O sol renasce no Japão

Eu vi também
Só pra poder entender
Na voz a vida ouvi dizer

Que os braços sentem
E os olhos vêem
E os lábios beijam
Dois rios inteiros
Sem direção

E o meu lugar é esse
Ao lado seu, meu corpo inteiro
Dou o meu lugar pois o seu lugar
É o meu amor primeiro
O dia e a noite as quatro estações

Que os braços sentem
E os olhos vêem
E os lábios Sejam
Dois rios inteiros
Sem direção

O céu está no chão
O céu não cai do alto
É o claro, é a escuridão

O céu que toca o chão
E o céu que vai no alto
Dois lados deram as mãos

Como eu fiz também
Só pra poder conhecer
Tudo que a voz da vida vem dizer

Que os braços sentem
E os olhos vêem
E os lábios beijam
Dois rios inteiros
Sem direção

E o meu lugar é esse
Ao lado seu, no corpo inteiro
Dou o meu lugar pois o seu lugar
É o meu amor primeiro
O dia e a noite as quatro estações

Que os braços sentem
E os olhos vêem
Que os lábios sejam
Dois rios inteiros
Sem direção

Que os braços sentem
E os olhos vêem
E os lábios beijam
Dois rios inteiros
Sem direção

Note que a expressão **“dois rios inteiros”** também foi empregada conotativamente e compõe um dos elementos básicos para a interpretação da letra.

Famigerado

**Guimarães Rosa**

Foi de incerta feita — o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranqüilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela.

Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolitíssimo. Tomei-me nos nervos. O cavaleiro esse — o oh-homem-oh — com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Saudou-me seco, curto pesadamente. Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E concebi grande dúvida.

Nenhum se apeava. Os outros, tristes três, mal me haviam olhado, nem olhassem para nada. Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitados, constrangidos coagidos, sim. Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los: a meio-gesto, desprezivo, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encostavam. Dado que a frente da minha casa reentrava, metros, da linha da rua, e dos dois lados avançava a cerca, formava-se ali um encantoável, espécie de resguardo. Valendo-se do que, o homem obrigara os outros ao ponto donde seriam menos vistos, enquanto barrava-lhes qualquer fuga; sem contar que, unidos assim, os cavalos se apertando, não dispunham de rápida mobilidade. Tudo enxergara, tomando ganho da topografia. Os três seriam seus prisioneiros, não seus sequazes. Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe. Senti que não me ficava útil dar cara amena, mostras de temeroso. Eu não tinha arma ao alcance. Tivesse, também, não adiantava. Com um pingo no i, ele me dissolvia. O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar.

Disse de não, conquanto os costumes. Conservava-se de chapéu. Via-se que passara a descansar na sela — decerto relaxava o corpo para dar-se mais à ingente tarefa de pensar. Perguntei: respondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta. Sua voz se espaçava, querendo-se calma; a fala de gente de mais longe, talvez são-franciscano. Sei desse tipo de valentão que nada alardeia, sem farroma. Mas avessado, estranhão, perverso brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és. Muito de macio, mentalmente, comecei a me organizar. Ele falou:

"Eu vim preguntar a vosmecê uma opinião sua explicada..."

Carregara a celha. Causava outra inquietude, sua farrusca, a catadura de canibal. Desfranziu-se, porém, quase que sorriu. Daí, desceu do cavalo; maneiro, imprevisto. Se por se cumprir do maior valor de melhores modos; por esperteza? Reteve no pulso a ponta do cabresto, o alazão era para paz. O chapéu sempre na cabeça. Um alarve. Mais os ínvios olhos. E ele era para muito. Seria de ver-se: estava em armas — e de armas alimpadas. Dava para se sentir o peso da de fogo, no cinturão, que usado baixo, para ela estar-se já ao nível justo, ademão, tanto que ele se persistia de braço direito pendido, pronto meneável. Sendo a sela, de notar-se, uma jereba papuda urucuiana, pouco de se achar, na região, pelo menos de tão boa feitura. Tudo de gente brava. Aquele propunha sangue, em suas tenções. Pequeno, mas duro, grossudo, todo em tronco de árvore. Sua máxima violência podia ser para cada momento. Tivesse aceitado de entrar e um café, calmava-me. Assim, porém, banda de fora, sem a-graças de hóspede nem surdez de paredes, tinha para um se inquietar, sem medida e sem certeza.

— "Vosmecê é que não me conhece. Damázio, dos Siqueiras... Estou vindo da Serra..."

Sobressalto. Damázio, quem dele não ouvira? O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo. Constando também, se verdade, que de para uns anos ele se serenara — evitava o de evitar. Fie-se, porém, quem, em tais tréguas de pantera? Ali, antenasal, de mim a palmo! Continuava:

— "Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu um moço do Governo, rapaz meio estrondoso... Saiba que estou com ele à revelia... Cá eu não quero questão com o Governo, não estou em saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado..."

Com arranco, calou-se. Como arrependido de ter começado assim, de evidente. Contra que aí estava com o fígado em más margens; pensava, pensava. Cabismeditado. Do que, se resolveu. Levantou as feições. Se é que se riu: aquela crueldade de dentes. Encarar, não me encarava, só se fito à meia esguelha. Latejava-lhe um orgulho indeciso. Redigiu seu monologar.

O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São Ão, travados assuntos, inseqüentes, como dificultação. A conversa era para teias de aranha. Eu tinha de entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios. Assim no fechar-se com o jogo, sonso, no me iludir, ele enigmava: E, pá:

— "Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado*... f*az-megerado*... *falmisgeraldo*... *familhas-gerado*...?

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?

— "Saiba vosmecê que saí ind'hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe preguntar a pregunta, pelo claro..."

Se sério, se era. Transiu-se-me.

— "Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo — o livro que aprende as palavras... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias... Só se o padre, no São Ão, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engambelam... A bem. Agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da peroba, no aperfeiçoado: o que é que é, o que já lhe perguntei?"

Se simples. Se digo. Transfoi-se-me. Esses trizes:

— *Famigerado*?

— "Sim senhor..." — e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo — apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. — *Famigerado*? Habitei preâmbulos. Bem que eu me carecia noutro ínterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:

— "Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho..."

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o caroço: o verivérbio.

— *Famigerado* é inóxio, é "célebre", "notório", "notável"...

— "Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?"

— Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

— "Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?"

— *Famigerado*? Bem. É: "importante", que merece louvor, respeito...

— "Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?"

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

— Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado — bem famigerado, o mais que pudesse!...

— "Ah, bem!..." — soltou, exultante.

Saltando na sela, ele se levantou de molas. Subiu em si, desagravava-se, num desafogaréu. Sorriu-se, outro. Satisfez aqueles três: — "Vocês podem ir, compadres. Vocês escutaram bem a boa descrição..." — e eles prestes se partiram. Só aí se chegou, beirando-me a janela, aceitava um copo d'água. Disse: — "Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!" Seja que de novo, por um mero, se torvava? Disse: — "Sei lá, às vezes o melhor mesmo, pra esse moço do Governo, era ir-se embora, sei não..." Mas mais sorriu, apagara-se-lhe a inquietação. Disse: — "A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças... Só pra azedar a mandioca..." Agradeceu, quis me apertar a mão. Outra vez, aceitaria de entrar em minha casa. Oh, pois. Esporou, foi-se, o alazão, não pensava no que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto.

 *Texto extraído do livro "*Primeiras Estórias*", Editora Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 1988, pág. 13.*

### PLEBISCITO - Artur Azevedo

A cena passa-se em 1890.
A família está toda reunida na sala de jantar.
O Senhor Rodrigues palita os dentes, repimpado numa cadeira de balanço. Acabou de comer como um abade.
Dona Bernardina, sua esposa, está muito entretida a limpar a gaiola de um canário-belga.
Os pequenos são dois, um menino e uma menina. Ela distrai-se a olhar para o canário. Ele, encostado à mesa, os pés cruzados, lê com muita atenção uma das nossas folhas diárias.
Silêncio.
De repente, o menino levanta a cabeça e pergunta:
— Papai, que é plebiscito?
O Senhor Rodrigues fecha os olhos imediatamente, para fingir que dorme.
O pequeno insiste:
— Papai?
Pausa:
— Papai?
Dona Bernardina intervém:
— Ó Seu Rodrigues, Manduca está lhe chamando. Não durma depois do jantar, que lhe faz mal.
O Senhor Rodrigues não tem remédio senão abrir os olhos.
— Que é? que desejam vocês?
— Eu queria que papai me dissesse o que é plebiscito.
— Ora essa, rapaz! Então tu vais fazer doze anos e não sabes ainda o que é plebiscito?
— Se soubesse não perguntava.
O Senhor Rodrigues volta-se para Dona Bernardina, que continua muito ocupada com a gaiola:
— Ó senhora, o pequeno não sabe o que é plebiscito!
— Não admira que ele não saiba, porque eu também não sei.
— Que me diz?! Pois a senhora não sabe o que é plebiscito?
— Nem eu, nem você; aqui em casa ninguém sabe o que é plebiscito.
— Ninguém, alto lá! Creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante!
— A sua cara não me engana. Você é muito prosa. Vamos: se sabe, diga o que é plebiscito! Então? A gente está esperando! Diga!...
— A senhora o que quer é enfezar-me!
— Mas, homem de Deus, para que você não há de confessar que não sabe? Não é nenhuma vergonha ignorar qualquer palavra. já outro dia foi a mesma coisa quando Manduca lhe perguntou o que era proletário. Você falou, falou, falou, e o menino ficou sem saber!
— Proletário, acudiu o Senhor Rodrigues, é o cidadão pobre que vive do trabalho mal remunerado.
— Sim, agora sabe porque foi ao dicionário; mas dou-lhe um doce, se me disser o que é plebiscito sem se arredar dessa cadeira!
— Que gostinho tem a senhora em tornar-me ridículo na presença destas crianças!
— Oh! ridículo é você mesmo quem se faz. Seria tão simples dizer: “Não sei, Manduca, não sei o que é plebiscito; vai buscar o dicionário, meu filho”.
O Senhor Rodrigues ergue-se de um ímpeto e brada:
— Mas se eu sei!
— Pois se sabe, diga!
— Não digo para não me humilhar diante de meus filhos! Não dou o braço a torcer! Quero conservar a força moral que devo ter nesta casa! Vá para o diabo!
E o Senhor Rodrigues, exasperadíssimo, nervoso, deixa a sala de jantar e vai para o seu quarto, batendo violentamente a porta.
No quarto havia o que ele mais precisava naquela ocasião: algumas gotas de água de flor de laranja e um dicionário...
A menina toma a palavra:
— Coitado do papai! Zangou-se logo depois do jantar! Dizem que é tão perigoso!
— Não fosse tolo — observa Dona Bernardina — e confessasse francamente que não sabia o que é plebiscito!
— Pois sim — acode Manduca, muito pesaroso por ter sido o causador involuntário de toda aquela discussão — pois sim, mamãe; chame papai e façam as pazes.
— Sim! sim! façam as pazes! — diz a menina em tom meigo e suplicante. — Que tolice! duas pessoas que se estimam tanto zangarem-se por causa do plebiscito!
Dona Bernardina dá um beijo na filha, e vai bater à porta do quarto:
— Seu Rodrigues, venha sentar-se; não vale a pena zangar-se por tão pouco.
O negociante esperava a deixa. A porta abre-se imediatamente. Ele entra, atravessa a casa e vai sentar-se na cadeira de balanço.
— É boa! — brada o Senhor Rodrigues depois de largo silêncio; — é muito boa! Eu! Eu ignorar a significação da palavra plebiscito! Eu!...
A mulher e os filhos aproximam-se dele.
O homem continua, num tom profundamente dogmático:
— Plebiscito...
E olha para todos os lados, a ver se há por ali mais alguém que possa aproveitar a lição.
— Plebiscito é uma lei decretada pelo povo romano, estabelecido em comícios.
— Ah! — suspiram todos, aliviados.
— Uma lei romana, percebem? E querem introduzi-la no Brasil! É mais um estrangeirismo!...

(Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, Mar de histórias – Nova Fronteira, vol. 6, p. 204)

PRODUÇÃO TEXTUAL

DAIANE PEREIRA DA SILVA SOUZA¹

**Mecanismos de coesão textual**

 O curso de produção textual proporcionou um contato maior no campo de aprendizado, de forma clara e prática, conceituamos o significado de texto em sentido lato designando a capacidade textual do ser humano, em produzir um romance, uma música, uma pintura, um filme ou escultura etc., isto é, de qualquer tipo de comunicação realizada por meio de um sistema de signos.Otexto em sentido restrito consiste em uma seqüência falada ou escrita que constitua uma unidade global de significação, independentemente de sua extensão. Trata-se, dessa forma, de uma unidade semântico-pragmática, de um contínuo sociocomunicativo, que se caracteriza, entre outros fatores, pela coerência e pela coesão.

A Textualidade é conjunto de propriedades que uma seqüência de enunciados deve apresentar para constituir um texto. Sendo a Coesão Textual uma propriedade textual responsável pelo encadeamento semântico entre frases ou parte delas, que se inter-relacionam para assegurar um dado desenvolvimento informacional. A Coerência trata-se de uma propriedade textual que permite ao leitor alocutário descobrir alguma espécie de conexão conceptual entre os elementos de uma dada seqüência lingüística, havendo assim uma convergência entre a configuração de conceitos, as relações manifestas e o conhecimento prévio ativado pelo receptor.

A coesão textual contribui para formação do texto, dando-lhe sentido e continuidade entre suas partes. A coesão como elementos linguísticos presentes na superfície textual que se encontram interligados, por recursos linguísticos, formando sequências de sentidos. Dessa forma, a coesão nada mais é do que a ligação harmoniosa entre as palavras, das palavras formando os parágrafos e dos parágrafos formando o texto.

A coesão textual diz respeito aos processos linguísticos que permitem revelar a interdependência semântica existente entre sequências textuais, todos os processos de sequencialização que asseguram uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual, portanto, podem ser encarados como instrumentos de coesão, e estão ligados aos elementos que constituem a estrutura do texto.

A coesão é a manifestação linguística da coerência; advém da maneira, como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. A coesão é responsável em construir a unidade formal do texto, por meio de mecanismos gramaticais e lexicais contribuindo para um bom desenvolvimento no texto.

A coesão textual é como se fosse um arranjo que ajuda na construção de informações coerentes, existem muitas classes gramaticais responsáveis na organização do texto que possibilitam a construção de sentidos no texto. Coesão é uma função na qual o signo linguístico relaciona um objeto extralinguístico, que pode ser textual ou anafórica, A coesão textual necessita de cinco categorias de procedimentos: referência, substituição, elipse, conjunção e léxico.

Coesão por referência:fazem remissões aos componentes superficiais presentes no texto, por meio dos pronomes pessoais (eu, tu, ele, me, te,); pronomes possessivos (meu, teu, seu,); pronomes demonstrativos (este, esse); pronomes indefinidos (algum, nenhum); pronomes relativos (que, o qual, onde); advérbios de lugar (aqui, aí, lá); artigos e numerais.

Coesão por substituição: substituição de um nome (pessoa, objeto, lugar etc., nominal, verbal, frásica); elipse (nominal, verbal e frásica); conjunção (aditiva, adversativas, causais, temporais) e coesões lexicais (repetição, sinonímia, hiperonímia) e não necessita do pragmático para realizar sua função.

 Um dos fatores importantes na substituição é a presença da elipse que pode ocorrer por meio da omissão de elementos nominais, verbais e oracionais, mas recuperáveis pelo contexto, possibilitando ao leitor compreender o sentido no texto, pois se ela for empregada de forma incorreta, o leitor não irá entender a mensagem.

A coesão por conjunção não se trata de uma relação anafórica, consiste na relação de coesão estabelecida nas orações, nos períodos e nos parágrafos. As conjunções também ajudam a criar um sentido lógico nos textos.

A coesão lexical é obtida pela reiteração de itens lexicais idênticos ou com o mesmo referente. Com a reiteração dos elementos lexicais cria a construção de sentidos dentro do texto, para não cansar o leitor. A reiteração lexical é formada por repetições de expressões de palavras no texto que produzem novas expectativas no leitor.

 Outro fator importante na formação de um texto é a presença do paralelismo, no qual as estruturas são reutilizadas, dando-lhe continuidade. O mesmo ocorre com a paráfrase, que é uma atividade efetiva de reformulação pela qual, bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não, se restaura o conteúdo de um texto, num texto-derivado, permitindo a elevação de uma atividade efetiva de reformulação, produzindo novos textos com ajuda de recursos fonológicos segmentais e supra-segmentais, formando uma consequência na estrutura semântica fornecida pela sintaxe.

Nesta aula compreendemos que é por meio da coesão sequencial se pode fazer o texto progredir, dando-lhe segmentos, sendo que esse tipo de coesão textual pode ocorrer por sequência temporal ou por conexões, no qual os operadores discursivos têm por função estruturar, por meio de encadeamentos, os enunciados no texto.

**COESÃO TEXTUAL: REITERAÇÃO E OS MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL**

A Coesão Referencial como já foi dito se manifesta por meio de itens lingüísticos que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, como pronomes pessoais, demonstrativos e relativos. A Coesão por Substituição ocorre quando um dado elemento lingüístico é retomado ou precedido por um outro elemento. No caso da retomada, tem-se a *anáfora*. Ex.: “Carla tem um automóvel. Ele é verde”. No caso da antecipação, tem-se a *catáfora*. Ex.: “Quero dizer-te uma coisa: gosto de você”. A Coesão por Reiteração é a repetição de expressões que têm a mesma referência no texto. A Repetição do mesmo item lexical ocorre quando a retomada da informação se dá pela repetição das mesmas expressões lexicais.

Um processo importante na produção textual é a Sinonímia, que ocorre quando a repetição se dá pelo emprego de sinônimos. Ex.: “O barulho é um dos problemas mais graves que afligem nossa civilização nesse século. Os milhões de ruídos que rodeiam o homem diariamente, em quase todos os cantos, em sua maior parte, são produzidos por ele mesmo”. Na aula também foram apresentado o conceito e alguns exemplos de Hiperonímia/hiponímia, no qual o primeiro elemento de uma seqüência lingüística mantém com um segundo uma relação todo/parte, classe/elemento, tem-se um *hiperônimo*. Quando o primeiro elemento mantém com o segundo uma relação parte/todo, elemento/classe, tem-se o *hipônimo*.

As Expressões nominais definidas ocorrem quando há retomadas de um mesmo referente por meio de expressões de natureza diversa, relacionadas com o nosso conhecimento de mundo. Os Nomes genéricos ocorrem quando há reintegração do item lexical pela utilização de nomes genéricos, como: pessoa, coisa, fato, gente, negócio, lugar, idéia, funcionando como itens de referência anafórica.

 O conceito de Coesão Recorrencial é quando as retomadas de estruturas lingüísticas visam à progressão do discurso. Constitui um meio de articular a informação nova àquela já conhecida no contexto. Também tem as Retomada de termos que é quando a repetição de um mesmo termo exerce uma função determinada, de ênfase, intensificação etc. No Paralelismo ocorre quando os elementos lingüísticos são reutilizados em enunciados com sentidos diferentes.

**Coesão textual: associação e conexão**

A Coesão Seqüencial tem a mesma função da coesão recorrencial fazendo progredir o texto, impulsionando o fluxo informacional. Difere da recorrencial por não apresentar retomadas de itens, sentenças ou estruturas. A Conexão das orações é estabelecida por Condição que estabelece uma relação de dependência entre proposições. Por Causa no qual ocorre quando há entre duas proposições uma relação de causa- conseqüência. Pela Finalidade que estabelece a conexão entre as duas orações estabelece uma relação meio-fim. Outro fator é a Conformidade que exprime a conexão das duas orações mostra a conformidade de conteúdo de uma oração em relação à outra. A Explicação exerce a conexão das duas orações mostra que a segunda explica a primeira e a Adição é responsável pela conexão das duas orações mostra um conjunto de ideias entre as proposições.

Na aula ficou bem clara a Conexão de enunciados em textos: por meio de encadeamentos sucessivos e diferentes entre dois ou mais períodos e entre parágrafos de um texto. Os elementos formais responsáveis por esse tipo de conexão são chamados operadores argumentativos. São operadores argumentativos: com o propósito de, com a intenção de, pelo contrário, em vez disso, em contrapartida, em suma, em síntese, em conclusão, para resumir, para concluir etc.

**Seleção do vocabulário**

 A aula inicia com pergunta: O QUE É FAMIGERADO? Do conto de Guimarães Rosa.

Ao fazer a escolha de vocábulos, temos de ter em mente a adequação do uso de tal vocábulo, e isso certamente vai contribuir para a melhor compreensão da nossa mensagem. O vocábulo deve **ser adequado à pessoa que fala e, nessa situação, podemos ter os regionalismos, o jargão profissional, os vocábulos cultos e populares; em outros casos, devem ser adequados ao ponto de vista do autor do texto e, nesta situação, aparecem os vocábulos positivos, neutros ou negativos; em alguns textos podem ser empregados vocábulos que representam uma época determinada e assim por diante.**

**O conceito de Vocabulário:** Codificação da totalidade ou seleção de palavra de uma língua e seus significados. (**dicionário Houaiss)**

**Tipos de Vocabulários:** Grupos de palavras; Fórmulas fixas; Expressões idiomáticas; Construções convencionais

**Grupos de palavras:**

* Água sanitária
* Meio ambiente
* Ar condicionado
* Corpo docente

**Fórmulas fixas:**

* Bom dia!
* Boa noite!
* Com licença!
* Por favor!
* Muito obrigada!

**Expressões idiomáticas:** Deviso as mudanças e variações linguisticas as expressões idiomáticas variam de país para país, região para região, cultura para cultura, entre outras variações de tempo e espaço.

**Exemplos de expressões idiomáticas:**

* Abandonar o barco: desistir de uma situação difícil que se repete cotidianamente.
* Abotoar o paletó: Morrer
* Amigo da onça – amigo interesseiro, traidor.
* Andar nas nuvens – estar desatento, distraído.
* Arregaçar as mangas – dar início a um trabalho ou a uma atividade.
* Bater na mesma tecla – insistir demais no mesmo assunto.
* Boca de siri – manter segredo sobre algo.
* Cara de pau – descarado, sem-vergonha.

**Construções convencionais**

* Você quer vim a ser casar comigo?
* Você quer casar-se comigo?
* Você quer casar comigo?

DENOTAÇÃO

A denotação é a relação existente entre o plano de expressão e o plano de conteúdo, ou seja, o significado denotativo é o conceito ao qual nos remete certo significante. Nos textos literários nem sempre a linguagem apresenta um único sentido, aquele apresentado pelo dicionário. Empregadas em alguns contextos, elas ganham novos sentidos, figurados, carregados de valores afetivos ou sociais. Quando a palavra é utilizada com seu sentido comum (o que aparece no dicionário) dizemos que foi empregada **denotativamente.**

CONOTATIVA

Esses novos valores constituem aquilo que denominamos sentido conotativo, ou seja, o acréscimo de um novo valor constitui a conotação, que consiste num novo plano de conteúdo para o signo que já tinha um significado denotativo.Provocando reação Quando é utilizada com um sentido diferente daquele que lhe é comum, dizemos que foi empregada **conotativamente.** Este recurso é muito explorado na Literatura, é empregada em letras de música, anúncios publicitários, conversas do dia a dia, etc. Observe um trecho da canção **“Dois rios”,** de Samuel Rosa, Lô Borges e Nando Reis.

Note a caracterização do **sol:** ele foi empregado conotativamente.

Exemplos:

* A GAROTA NÃO FEZ UM BOM PAPEL ( conotativo)
* PEGUE PAPEL E CANETA( denotativo)

**FAMILIAS: IDEOLOGICA E CAMPOS ASSOCIATIVOS**

Associados a um vocábulo, por exemplo: Lazer: esporte, diversão, viagem, alegria...

**TIPOS DE VOCABULO**

Imagem de futebol: língua falada ou coloquial

Imagem digitada: linguagem escrita- formal

Imagem de uma noticia: vocabulário leitura- não precisa pesquisar

Imagem de leitura de livro: tem que realizar consulta ao dicionário.

**Domínio e Rendimentos:**

**A** dificuldade apresentada é pelos entulhamentos de itens desconhecidas( jurídica, médica) que dificultam a leitura, sendo assim não é vantajosa. Alguns vocábulos comprometem toda leitura.

Exemplo: bula de remédio. Linguagem hermética

Exemplo o conto PREBICITO de Arthur Azevedo. Eles não sabiam o significado da palavra, isso causou uma grande confusão.

Evitar o uso de chavões, guichês, termos genéricos e vagos exemplo a Vaguidão Específica de Millôr Fernandes: Falando de qualquer coisa, o que causou humor no texto.

COMO AMPLIAR VOCABULÁRIO:

* RECUSO DO DICIONÁRIO
* INFERENCIA LEXICAL
* RESOLVER CRUZADAS
* BRINCADEIRA EM GRUPO
* LEITURA DE DIVERSOS TEXTOS

A dificuldade em realizar a leitura é tida como um dos maiores obstáculos enfrentados pelos alunos. Preocupados com essa questão, vários educadores estão em busca de o melhor caminho a seguir, contribuindo para um melhor desenvolvimento da leitura.

PARAFRAFOS:

Nessa aula aprendemos como formar um paragráfo coerente, utilizando a criatividade que é muito importante para desenvolver qualquer atividade. No que diz respeito à escrita, para criar um parágrafo é necessário que os estudantes saibam o conceito de parágrafo, para depois começar a construir um texto. O primeiro parágrafo de um textodeve ser escrito da maneira mais simples possível. É ele quem vai atrair a atenção do leitore despertar sua curiosidade para a leitura do texto. O parágrafo é o conjunto de frases que formam uma sequência com sentido, com lógica. Pode ser assinalado graficamente, como exposto acima, ou ainda oralmente, quando se faz uma pausa maior dos fatos ou quando iniciamos um novo assunto.

**Tipos de Parágrafos:**

 Os textos são estruturados geralmente em unidades menores, os parágrafos, identificados por um ligeiro afastamento de sua primeira linha em relação à margem esquerda da folha. Possuem extensão variada: há parágrafos longos e parágrafos curtos. O que vai determinar sua extensão é a unidade temática, já que cada idéia exposta no texto deve corresponder a um parágrafo.

É muito comum nos textos de natureza dissertativa, que trabalham com idéias e exigem maior rigor e objetividade na composição, que o parágrafo-padrão apresente a seguinte estrutura: **Introdução** - também denominada tópico frasal, é constituída de uma ou duas frases curtas, que expressam, de maneira sintética, a idéia principal do parágrafo, definindo seu objetivo; **Desenvolvimento** - corresponde a uma ampliação do tópico frasal, com apresentação de idéias secundárias que o fundamentam ou esclarecem; **conclusão** - nem sempre presente, especialmente nos parágrafos mais curtos e simples, a conclusão retoma a idéia central, levando em consideração os diversos aspectos selecionados no desenvolvimento.

Nas dissertações, os parágrafos são estruturados a partir de uma idéia que normalmente é apresentada em sua introdução, desenvolvida e reforçada por uma conclusão.As dissertações escolares, normalmente, costumam ser estruturadas em quatro ou cinco parágrafos (um parágrafo para a introdução, dois ou três para o desenvolvimento e um para a conclusão).

É claro que essa divisão não é absoluta. Dependendo do tema proposto e da abordagem que se dê a ele, ela poderá sofrer variações. Mas é fundamental que você perceba o seguinte: a divisão de um texto em parágrafos (cada um correspondendo a uma determinada idéia que nele se desenvolve) tem a função de facilitar, para quem escreve, a estruturação coerente do texto e de possibilitar, a quem lê, uma melhor compreensão do texto em sua totalidade.

**Parágrafo Narrativo**: Nas narrações, a idéia central do parágrafo é um incidente, isto é, um episódio curto.Nos parágrafos narrativos, há o predomínio dos verbos de ação que se referem as personagens, além de indicações de circunstâncias relativas ao fato: onde ele ocorreu, quando ocorreu, por que ocorreu. O que falamos se aplica ao parágrafo narrativo propriamente dito, ou seja, aquele que relata um fato. Nas narrações existem também parágrafos que servem para reproduzir as falas dos personagens. No caso do discurso direto (em geral antecedido por dois-pontos e introduzido por travessão), cada fala de um personagem deve corresponder a um parágrafo para que essa fala não se confunda com a do narrador ou com a de outro personagem. **Parágrafo Descritivo**: A ideia central do parágrafo descritivo é um quadro, ou seja, um fragmento daquilo que está sendo descrito (uma pessoa, uma paisagem, um ambiente, etc.), visto sob determinada perspectiva, num determinado momento. Alterado esse quadro, teremos novo parágrafo. O parágrafo descritivo vai apresentar as mesmas características da descrição: predomínio de verbos de ligação, emprego de adjetivos que caracterizam o que está sendo descrito, ocorrência de orações justapostas ou coordenadas.

**A estruturação do parágrafo**:

O parágrafo-padrão é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada idéia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela. O parágrafo é indicado por um afastamento da margem esquerda da folha. Ele facilita ao escritor a tarefa de isolar e depois ajustar convenientemente as idéias principais de sua composição, permitindo ao leitor acompanhar-lhes o desenvolvimento nos seus diferentes estágios.

Os parágrafos são moldáveis conforme o tipo de redação, o leitor e o veículo de comunicação onde o texto vai ser divulgado. Em princípio, o parágrafo é mais longo que o período e menor que uma página impressa no livro, e a regra geral para determinar o tamanho é o bom senso. **Parágrafos curtos**: próprios para textos pequenos, fabricados para leitores de pouca formação cultural. A notícia possui parágrafos curtos em colunas estreitas, já artigos e editoriais costumam ter parágrafos mais longos. Revistas populares, livros didáticos destinados a alunos iniciantes, geralmente, apresentam parágrafos curtos. Quando o parágrafo é muito longo, o escritor deve dividi-lo em parágrafos menores, seguindo critério claro e definido. O parágrafo curto também é empregado para movimentar o texto, no meio de longos parágrafos, ou para enfatizar uma ideia.

**Parágrafos médios**: comuns em revistas e livros didáticos destinados a um leitor de nível médio (2º grau). Cada parágrafo médio construído com três períodos que ocupam de 50 a 150 palavras. Em cada página de livro cabem cerca de três parágrafos médios.

**Parágrafos longos**: em geral, as obras científicas e acadêmicas possuem longos parágrafos, por três razões: os textos são grandes e consomem muitas páginas; as explicações são complexas e exigem várias idéias e especificações, ocupando mais espaço; os leitores possuem capacidade e fôlego para acompanhá-los.

**ESTRUTURA DAS FRASES**

Estruturas das frases foi uma aula muito importante, no qual aprendemos o que era uma frase éum enunciado que por si mesmo estabelecer sentido, por meio das orações ou período. A oração possui dois termos essenciais, o **sujeito** e o **predicado**.

Nessa aula ficou bem claro que as transposições da oralidade prejudicam a leitura, e que as características sintáticas das frases devem ser: curtas ou longas.

 **REFERENCIAÇÃO E PROGRESSÃO REFERENCIAL**

A de referenciação que estabelecem a coerência e a progressão referencial e tópica na fala de adolescentes, sobretudo na investigação da anáfora indireta constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e por pronomes interpretados no âmbito da referenciação sem que haja correspondência a um antecedente ou subseqüente explicito no co-texto. Examina o uso da anáfora indireta em situações de diálogo como forma de demonstrar a relevância de tais anáforas, bem como a contribuição para a construção e reconstrução do sentido na fala. Fundamenta-se em autores que abordam a referenciação, os objetos-de-discurso, os tipos de anáfora indireta e a interação e comprometidos com o estudo da referenciação enquanto processo de negociação na atividade discursiva

A construção referencial apresenta uma referenciação induzida e sugerida no discurso sem remissão pontualizada nem retomada e correferenciação, parece ser o caso da anáfora indireta nominal analisada em que os conhecimentos de mundo organizados,bem como a ativação da linguagem e do pensamento durante a atividade situada são cruciais para a identificação da AI e para continuidade tópica. A criação de espaços cognitivos geram a identificação do antecedente da AI nominal, devido aos falantes possuírem parte da informação interiorizada para realizar a referenciação eficaz a cada atividade situada, uma vez que o discurso é sustentado pelo conhecimento partilhado. Quanto a AI pronominal, a forma *eles* apresenta restrições morfossintáticas no uso correferencial, porém, seu uso porta uma característica referencial coletiva, na qual

**Capítulo 08 - Coerência: princípios gerais**

### **COERÊNCIA TEXTUAL**

#### A coerência textual é a relação lógica entre as ideias, pois essas devem se complementar é o resultado da não contradição entre as partes do texto. Pronomes - todos os tipos de pronomes podem funcionar como recurso de referência a termos ou expressões anteriormente empregados. Para o emprego adequado, convém rever os princípios que regem o uso dos pronomes.

#### São fatores de grande importância para a existência de coerência, bem como para a construção semântica, num texto:

#### • Idéias ordenadas numa sequência lógica;

#### • Cuidado com a gramática, pontuação adequada;

#### • Fuga ao escapismo e ao invencionismo;

#### • Nexo do texto consigo mesmo (coerência interna);

#### • Nexo do texto com a realidade (coerência externa);

#### • Nexo do texto com a proposta dissertativa.

Nessa aula compreendemos que é possível que haja Coerência sem Coesão Textual, da mesma forma, é possível que haja Coesão sem Coerência textual

Capítulo 09 - Intertextualidade;

O importante fator de coerência é a intertextualidade, na medida em que , para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos. A intertextualidade pode ser de forma ou de conteúdo. A intertextualidade de forma ocorre quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados gêneros de discurso. Um subtipo de intertextualidade formal é a intertextualidade tipológica, que também é importante para o processamento adequando do texto. Os conhecimentos de mundo são armazenados em nossa memória sob forma de blocos – os modelos cognitivos globais, entre os quais estão as superestruturas ou esquemas textuais, que são conjuntos de conhecimentos que se vão acumulando quanto aos diversos tipos de textos utilizados em dada cultura. Quanto ao conteúdo, pode-se dizer que a intertextualidade é uma constante: os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura, etc., dialogam, necessariamente , uns com os outros. Essa intertextualidade pode ocorrer de maneira explicita ou implícita.

A Intertextualidade implícita não se tem indicação de fonte, de modo que o receptor deverá ter os conhecimentos necessários para recuperá-la; do contrário não será capaz de captar a significação implícita que o produtor pretende passar. Não havendo indicação da fonte do texto original, caberá receptor, através de seu conhecimento de mundo, não só descobri-la como detectar a intenção do produtor do texto ao retomar o que foi dito por outrem. O reconhecimento do texto fonte e dos motivos de sua reapresentação, no caso da intertextualidade implícita, é como se vê, de grande importância para a cons, trução de sentido de um texto.

**FATORES IMPORTANTES PARA OBTER COERÊNCIA EM UM TEXTO**

* Intencionalidade – ela exige do produtor a construção de um discurso coerente e coeso, capaz de satisfazer os objetivos em uma determinada situação comunicativa (informar, convencer, pedir, etc).
* Aceitabilidade – dá-se quanto à expectativa de que o recebedor tenha acesso a um texto coerente e coeso.
* Situacionalidade – refere-se a que diz respeito à adequação do texto à situação sócio-comunicativo, responsável pela pertinência e relevância do texto.
* Intertextualidade – para isso o texto deve interagir com outros textos que funcionam oco seu contexto.

A obra expõe a constituição dos sentidos nos textos e seus fatores, tais como os elementos lingüísticos, o conhecimento do mundo, as inferências e a situação. Um de seus capítulos é dedicado ao registro de como a análise da coerência textual pode auxiliar no trabalho do professor no ensino da língua e em sala de aula. Assim, a coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual – o mundo textual – e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso.

Todos esses recursos expressam relações não só entre os elementos no interior de uma frase, mas também entre frases e seqüências de frases dentro de um texto. Os autores apresentam ampla bibliografia comentada para os interessados em se aprofundar nesse campo.

**Gêneros textuais**

**Gêneros textuais são os conceitos que se aplicam aos diversos textos com características comuns em relação à linguagem e ao conteúdo propriamente dito.**

Encontramos diversos gêneros textuais: narrativos, descritivos e dissertativos, também existem diferentes tipos: receitas culinárias, *e-mail, orkut*, relatórios, cartas entre outros e todos estão vinculados ao letramento. a estrutura sócio-histórica enfatiza a importância da comunicação social: marcuschi defende a comunicação com significado e bakhtin defende os textos como ferramentas argumentativas, dividindo-os em subtipos, já bronckart enfatiza o relacionamento social, a criatividade; os gêneros caracterizam-se mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por detalhes lingüísticos. o homem precisa estar preparado para exercer a cidadania e enfrentar o mercado de trabalho, a competitividade, segundo suas necessidades. nas instituições escolares, todas as áreas deveriam trabalhar as competências leitora e escritora nos diferentes gêneros, pois, todos são um meio de comunicação e interferem no processo de relacionamento social para poder atingir o alvo desejado.

É importante ressaltar que se percebeu claramente, no decorrer do curso, a

progressão dos alunos na interpretação de texto, posto que eles apresentaram uma

leitura mais aprofundada, diferente da que tinham na fase inicial do projeto.

* Tipos textuais: seqüência definida pela natureza lingüística de sua composição (narração, descrição e dissertação);
* Gêneros textuais: são os textos encontrados no nosso cotidiano e apresentam características sócio-comunicativas (carta pessoal ou comercial, diários, agendas, *e-mail, orkut,* lista de compras, cardápio entre outros).

**TIPOS TEXTUAIS VOLTADOS PARA AS FUNÇÕES SOCIAIS DOS TEXTOS.**

* + Informativos;
	+ Expositivos;
	+ Numerados;
	+ Prescritivos;
	+ Literário;
	+ Argumentativo.

De acordo com diversas pesquisas voltadas para a questão dos gêneros textuais e segundo os autores citados acima, já se tornou evidente que os gêneros são fenômenos históricos ligados à vida cultural e social, os quais contribui para a ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia.

As aulas foram longas, e especificas, com exemplos adquiri um novo conhecimento por meio desse curso me capacitei e continuarei a cada dia me capacitando. O conceito de textos surgem na sociedade e pertencem a gêneros textuais que se relacionam com atividades sociais específicas, portanto ele deve ser produzido e utilizado para atingir um objetivo almejado. Muitos dos gêneros textuais são rotulados quanto a sua estrutura e organização ganhando assim uma significação.

Compreendermos as características estruturais de um texto e também as condições sociais que levam ao funcionamento e ao bom êxito de seu uso, por outro lado não podemos esquecer que a criatividade é uma ferramenta que deve ser levada em consideração.

**Seqüências textuais.**

A aula sobre seqüência textual falou sobre o conjunto de elementos que possibilita ao texto uma características narrativas, descritivas, argumentativas e/ou injuntivas. Desse modo, as seqüências podem determinar se o texto será predominantemente do tipo narrativo, descritivo, argumentativo ou injuntivo.

**1. Seqüência narrativa**

A seqüência narrativa é construída basicamente de verbos que expressam ação e encadeiam causas e conseqüências, revelando a interação de elementos (personagens, por exemplo) para a realização de fatos.

**2. Seqüência descritiva**

A **seqüência descritiva**, por sua vez, também pode possuir elementos como a seqüência narrativa, tendo como marca de distinção **a não interação** desses elementos para a realização de fatos.

**Seqüência argumentativa**

Para um texto ser caracterizado como argumentativo, é necessário a predominância da disposição lógica de indícios, suposições, deduções e opiniões que busquem respaldar uma verdade potencial. Portanto, necessário um conjunto de **seqüências argumentativas**.

**Seqüência injuntiva**

Comum em manuais de aparelhos eletrônicos e em receitas culinárias, a **seqüência injuntiva** prioriza a presença de verbos no imperativo com o intuito de orientar o leitor, por meio de comandos, na realização de tarefas. A seqüência injuntiva também pode ser utilizada para, em um conjunto textual como o poema, transmitir um pensamento, uma opinião.

Com essa aula percebemos que as seqüências textuais são de fundamental importância para a produção de textos, e que elas podem proporcionar a caracterização de um espaço, o relato de um acontecimento, a divulgação de uma opinião e o encaminhamento de uma atividade, mesmo que sejam utilizadas em contextos diferentes dos quais podemos encontrá-las e expressem idéias para além do seu usual, como é apresentado no exemplo final (seqüências injuntivas que funcionam como divulgadoras de uma opinião implícita).

A aula mostrou de que forma os mecanismos de coesão e de coerência contribuem para a construção de um determinado efeito de sentido nas letras das músicas, e como esses fatores desencadeiam os processos cognitivos que facilitam a recepção e a compreensão desse gênero textual, colaborando para formar uma visão crítica por parte principalmente, dos educandos. E Assim, podemos trabalhar na formação de leitores proficientes levando-os a compreender, inferir e produzir textos coesos, lembrando ainda que todas as questões aqui levantadas sobre a coesão e a coerência e seu estabelecimento têm implicações profundas no trabalho pedagógico. Dessa forma, a coesão trata da ligação, da relação, da conexão entre as palavras de um texto, através de elementos formais, que assinalam o vínculo entre os seus componentes e a coerência trata da relação que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido.

**Dois Rios**

[**Skank**](http://letras.mus.br/skank/)

O céu está no chão
O céu não cai do alto
É o claro, é a escuridão

O céu que toca o chão
E o céu que vai no alto
Dois lados deram as mãos

Como eu fiz também
Só pra poder conhecer
O que a voz da vida vem dizer

Que os braços sentem
E os olhos vêem
Que os lábios sejam
Dois rios inteiros
Sem direção

O sol é o pé e a mão
O sol é a mãe e o pai
Dissolve a escuridão

O sol se põe se vai
E após se pôr
O sol renasce no Japão

Eu vi também
Só pra poder entender
Na voz a vida ouvi dizer

Que os braços sentem
E os olhos vêem
E os lábios beijam
Dois rios inteiros
Sem direção

E o meu lugar é esse
Ao lado seu, meu corpo inteiro
Dou o meu lugar pois o seu lugar
É o meu amor primeiro
O dia e a noite as quatro estações

Que os braços sentem
E os olhos vêem
E os lábios Sejam
Dois rios inteiros
Sem direção

O céu está no chão
O céu não cai do alto
É o claro, é a escuridão

O céu que toca o chão
E o céu que vai no alto
Dois lados deram as mãos

Como eu fiz também
Só pra poder conhecer
Tudo que a voz da vida vem dizer

Que os braços sentem
E os olhos vêem
E os lábios beijam
Dois rios inteiros
Sem direção

E o meu lugar é esse
Ao lado seu, no corpo inteiro
Dou o meu lugar pois o seu lugar
É o meu amor primeiro
O dia e a noite as quatro estações

Que os braços sentem
E os olhos vêem
Que os lábios sejam
Dois rios inteiros
Sem direção

Que os braços sentem
E os olhos vêem
E os lábios beijam
Dois rios inteiros
Sem direção

Note que a expressão **“dois rios inteiros”** também foi empregada conotativamente e compõe um dos elementos básicos para a interpretação da letra.

Famigerado

**Guimarães Rosa**

Foi de incerta feita — o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranqüilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela.

Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolitíssimo. Tomei-me nos nervos. O cavaleiro esse — o oh-homem-oh — com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Saudou-me seco, curto pesadamente. Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E concebi grande dúvida.

Nenhum se apeava. Os outros, tristes três, mal me haviam olhado, nem olhassem para nada. Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitados, constrangidos coagidos, sim. Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los: a meio-gesto, desprezivo, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encostavam. Dado que a frente da minha casa reentrava, metros, da linha da rua, e dos dois lados avançava a cerca, formava-se ali um encantoável, espécie de resguardo. Valendo-se do que, o homem obrigara os outros ao ponto donde seriam menos vistos, enquanto barrava-lhes qualquer fuga; sem contar que, unidos assim, os cavalos se apertando, não dispunham de rápida mobilidade. Tudo enxergara, tomando ganho da topografia. Os três seriam seus prisioneiros, não seus sequazes. Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe. Senti que não me ficava útil dar cara amena, mostras de temeroso. Eu não tinha arma ao alcance. Tivesse, também, não adiantava. Com um pingo no i, ele me dissolvia. O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar.

Disse de não, conquanto os costumes. Conservava-se de chapéu. Via-se que passara a descansar na sela — decerto relaxava o corpo para dar-se mais à ingente tarefa de pensar. Perguntei: respondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta. Sua voz se espaçava, querendo-se calma; a fala de gente de mais longe, talvez são-franciscano. Sei desse tipo de valentão que nada alardeia, sem farroma. Mas avessado, estranhão, perverso brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és. Muito de macio, mentalmente, comecei a me organizar. Ele falou:

"Eu vim preguntar a vosmecê uma opinião sua explicada..."

Carregara a celha. Causava outra inquietude, sua farrusca, a catadura de canibal. Desfranziu-se, porém, quase que sorriu. Daí, desceu do cavalo; maneiro, imprevisto. Se por se cumprir do maior valor de melhores modos; por esperteza? Reteve no pulso a ponta do cabresto, o alazão era para paz. O chapéu sempre na cabeça. Um alarve. Mais os ínvios olhos. E ele era para muito. Seria de ver-se: estava em armas — e de armas alimpadas. Dava para se sentir o peso da de fogo, no cinturão, que usado baixo, para ela estar-se já ao nível justo, ademão, tanto que ele se persistia de braço direito pendido, pronto meneável. Sendo a sela, de notar-se, uma jereba papuda urucuiana, pouco de se achar, na região, pelo menos de tão boa feitura. Tudo de gente brava. Aquele propunha sangue, em suas tenções. Pequeno, mas duro, grossudo, todo em tronco de árvore. Sua máxima violência podia ser para cada momento. Tivesse aceitado de entrar e um café, calmava-me. Assim, porém, banda de fora, sem a-graças de hóspede nem surdez de paredes, tinha para um se inquietar, sem medida e sem certeza.

— "Vosmecê é que não me conhece. Damázio, dos Siqueiras... Estou vindo da Serra..."

Sobressalto. Damázio, quem dele não ouvira? O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo. Constando também, se verdade, que de para uns anos ele se serenara — evitava o de evitar. Fie-se, porém, quem, em tais tréguas de pantera? Ali, antenasal, de mim a palmo! Continuava:

— "Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu um moço do Governo, rapaz meio estrondoso... Saiba que estou com ele à revelia... Cá eu não quero questão com o Governo, não estou em saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado..."

Com arranco, calou-se. Como arrependido de ter começado assim, de evidente. Contra que aí estava com o fígado em más margens; pensava, pensava. Cabismeditado. Do que, se resolveu. Levantou as feições. Se é que se riu: aquela crueldade de dentes. Encarar, não me encarava, só se fito à meia esguelha. Latejava-lhe um orgulho indeciso. Redigiu seu monologar.

O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São Ão, travados assuntos, inseqüentes, como dificultação. A conversa era para teias de aranha. Eu tinha de entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios. Assim no fechar-se com o jogo, sonso, no me iludir, ele enigmava: E, pá:

— "Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado*... f*az-megerado*... *falmisgeraldo*... *familhas-gerado*...?

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?

— "Saiba vosmecê que saí ind'hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe preguntar a pregunta, pelo claro..."

Se sério, se era. Transiu-se-me.

— "Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo — o livro que aprende as palavras... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias... Só se o padre, no São Ão, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engambelam... A bem. Agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da peroba, no aperfeiçoado: o que é que é, o que já lhe perguntei?"

Se simples. Se digo. Transfoi-se-me. Esses trizes:

— *Famigerado*?

— "Sim senhor..." — e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo — apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. — *Famigerado*? Habitei preâmbulos. Bem que eu me carecia noutro ínterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:

— "Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho..."

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o caroço: o verivérbio.

— *Famigerado* é inóxio, é "célebre", "notório", "notável"...

— "Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?"

— Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

— "Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?"

— *Famigerado*? Bem. É: "importante", que merece louvor, respeito...

— "Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?"

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

— Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado — bem famigerado, o mais que pudesse!...

— "Ah, bem!..." — soltou, exultante.

Saltando na sela, ele se levantou de molas. Subiu em si, desagravava-se, num desafogaréu. Sorriu-se, outro. Satisfez aqueles três: — "Vocês podem ir, compadres. Vocês escutaram bem a boa descrição..." — e eles prestes se partiram. Só aí se chegou, beirando-me a janela, aceitava um copo d'água. Disse: — "Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!" Seja que de novo, por um mero, se torvava? Disse: — "Sei lá, às vezes o melhor mesmo, pra esse moço do Governo, era ir-se embora, sei não..." Mas mais sorriu, apagara-se-lhe a inquietação. Disse: — "A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças... Só pra azedar a mandioca..." Agradeceu, quis me apertar a mão. Outra vez, aceitaria de entrar em minha casa. Oh, pois. Esporou, foi-se, o alazão, não pensava no que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto.

 *Texto extraído do livro "*Primeiras Estórias*", Editora Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 1988, pág. 13.*

### PLEBISCITO - Artur Azevedo

A cena passa-se em 1890.
A família está toda reunida na sala de jantar.
O Senhor Rodrigues palita os dentes, repimpado numa cadeira de balanço. Acabou de comer como um abade.
Dona Bernardina, sua esposa, está muito entretida a limpar a gaiola de um canário-belga.
Os pequenos são dois, um menino e uma menina. Ela distrai-se a olhar para o canário. Ele, encostado à mesa, os pés cruzados, lê com muita atenção uma das nossas folhas diárias.
Silêncio.
De repente, o menino levanta a cabeça e pergunta:
— Papai, que é plebiscito?
O Senhor Rodrigues fecha os olhos imediatamente, para fingir que dorme.
O pequeno insiste:
— Papai?
Pausa:
— Papai?
Dona Bernardina intervém:
— Ó Seu Rodrigues, Manduca está lhe chamando. Não durma depois do jantar, que lhe faz mal.
O Senhor Rodrigues não tem remédio senão abrir os olhos.
— Que é? que desejam vocês?
— Eu queria que papai me dissesse o que é plebiscito.
— Ora essa, rapaz! Então tu vais fazer doze anos e não sabes ainda o que é plebiscito?
— Se soubesse não perguntava.
O Senhor Rodrigues volta-se para Dona Bernardina, que continua muito ocupada com a gaiola:
— Ó senhora, o pequeno não sabe o que é plebiscito!
— Não admira que ele não saiba, porque eu também não sei.
— Que me diz?! Pois a senhora não sabe o que é plebiscito?
— Nem eu, nem você; aqui em casa ninguém sabe o que é plebiscito.
— Ninguém, alto lá! Creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante!
— A sua cara não me engana. Você é muito prosa. Vamos: se sabe, diga o que é plebiscito! Então? A gente está esperando! Diga!...
— A senhora o que quer é enfezar-me!
— Mas, homem de Deus, para que você não há de confessar que não sabe? Não é nenhuma vergonha ignorar qualquer palavra. já outro dia foi a mesma coisa quando Manduca lhe perguntou o que era proletário. Você falou, falou, falou, e o menino ficou sem saber!
— Proletário, acudiu o Senhor Rodrigues, é o cidadão pobre que vive do trabalho mal remunerado.
— Sim, agora sabe porque foi ao dicionário; mas dou-lhe um doce, se me disser o que é plebiscito sem se arredar dessa cadeira!
— Que gostinho tem a senhora em tornar-me ridículo na presença destas crianças!
— Oh! ridículo é você mesmo quem se faz. Seria tão simples dizer: “Não sei, Manduca, não sei o que é plebiscito; vai buscar o dicionário, meu filho”.
O Senhor Rodrigues ergue-se de um ímpeto e brada:
— Mas se eu sei!
— Pois se sabe, diga!
— Não digo para não me humilhar diante de meus filhos! Não dou o braço a torcer! Quero conservar a força moral que devo ter nesta casa! Vá para o diabo!
E o Senhor Rodrigues, exasperadíssimo, nervoso, deixa a sala de jantar e vai para o seu quarto, batendo violentamente a porta.
No quarto havia o que ele mais precisava naquela ocasião: algumas gotas de água de flor de laranja e um dicionário...
A menina toma a palavra:
— Coitado do papai! Zangou-se logo depois do jantar! Dizem que é tão perigoso!
— Não fosse tolo — observa Dona Bernardina — e confessasse francamente que não sabia o que é plebiscito!
— Pois sim — acode Manduca, muito pesaroso por ter sido o causador involuntário de toda aquela discussão — pois sim, mamãe; chame papai e façam as pazes.
— Sim! sim! façam as pazes! — diz a menina em tom meigo e suplicante. — Que tolice! duas pessoas que se estimam tanto zangarem-se por causa do plebiscito!
Dona Bernardina dá um beijo na filha, e vai bater à porta do quarto:
— Seu Rodrigues, venha sentar-se; não vale a pena zangar-se por tão pouco.
O negociante esperava a deixa. A porta abre-se imediatamente. Ele entra, atravessa a casa e vai sentar-se na cadeira de balanço.
— É boa! — brada o Senhor Rodrigues depois de largo silêncio; — é muito boa! Eu! Eu ignorar a significação da palavra plebiscito! Eu!...
A mulher e os filhos aproximam-se dele.
O homem continua, num tom profundamente dogmático:
— Plebiscito...
E olha para todos os lados, a ver se há por ali mais alguém que possa aproveitar a lição.
— Plebiscito é uma lei decretada pelo povo romano, estabelecido em comícios.
— Ah! — suspiram todos, aliviados.
— Uma lei romana, percebem? E querem introduzi-la no Brasil! É mais um estrangeirismo!...

(Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, Mar de histórias – Nova Fronteira, vol. 6, p. 204)